



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

LINO DUARTE FÉLIX MARTINS

Educar para uma mentalidade ecológica
Contributos científicos, pedagógicos e didáticos para
a leção da unidade letiva “Ecologia e Valores”
do oitavo ano do programa de Educação Moral e
Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2015

SIGLÁRIO

AAS – Acta Apostolicae Sedis

CFC's – Clorofluorocarbonetos

DH – Declaração *Dignitatis Humanae*

EB1 – Escola Básica do 1º ciclo.

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

FAPAS – Fundo para a proteção dos animais selvagens

GE – Declaração *Gravissimum Educationis*

Gn – Livro do Génesis

Is – Livro do profeta Isaías

Jn – Livro do profeta Jonas

Jo – Evangelho segundo São João

Km² – Quilómetro quadrado

LS – Carta encíclica *Laudato Si'*

Mc – Evangelho segundo São Marcos

Mt – Evangelho segundo São Mateus

ONU – Organização das Nações Unidas

PL – Patrologia Latina Migne

Rm – Carta de São Paulo aos Romanos

Sl – Livro dos Salmos

SPEA – Sociedade portuguesa para o estudo das aves

v- Versículo

vv - Versículos

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I – FAZ SENTIDO EXISTIR UMA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA?	6
1. Estatuto da religião na sociedade atual	6
2. Importância da Educação Moral e Religiosa Católica na educação	9
3. Perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica	14
CAPÍTULO II – UMA MENTALIDADE ECOLÓGICA NO CRISTIANISMO	18
1. Relevância da ecologia	18
2. O ser humano como co-criador – relatos bíblicos da Criação	24
3. A Criação e o ser humano noutros textos do Primeiro Testamento	28
4. A novidade de Cristo e a ecologia	32
5. Alguns documentos da Igreja e intervenções do Magistério	33
6. Alguns testemunhos cristãos	37
CAPÍTULO III – DISPOSITIVO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “ECOLOGIA E VALORES” DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA	43
1. Caracterização do Agrupamento de Escolas André Soares	43
2. Caracterização da turma	44

3. Breve reflexão sobre o novo programa.....	45
4. Descrição geral da unidade letiva.....	47
5. Descrição da unidade letiva aula a aula.....	48
6. Avaliação geral e final da planificação e lecionação da unidade letiva “Ecologia e Valores”.....	73
CONCLUSÃO.....	76
BIBLIOGRAFIA.....	78
NETGRAFIA.....	85
ANEXOS/RECURSOS.....	86

INTRODUÇÃO

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada no Agrupamento de Escolas André Soares, em Braga, constituirá um documento reflexivo sobre a prática docente e sobre a sua fundamentação científica e pedagógica. É uma oportunidade que me é concedida de melhorar as minhas competências pedagógicas, relacionais e teológicas, podendo, com o acompanhamento que me é feito e com a minha postura crítica, vir a ser um melhor professor.

O objetivo fundamental do mestrado em Ciências Religiosas, área de Educação Moral e Religiosa Católica, é a formação profissional de docentes para o ensino de Educação Moral e Religiosa Católica.

É meu objetivo poder dar o meu contributo para o desenvolvimento, educação integral e formação de seres humanos que, em virtude disso, possam vir a desempenhar melhor o seu papel na sociedade e a serem melhores pessoas. Para além deste, considero que é importante, em termos cristãos, não se perder de vista o fim último da pessoa humana que é o próprio Deus. Como tal, opto pela profissão docente enquanto professor de Educação Moral e Religiosa Católica. A importância da religião e, nomeadamente, da Educação Moral e Religiosa Católica na educação das crianças ou jovens será o tema abordado no primeiro capítulo deste trabalho, assim como o perfil que o docente de Educação Moral e Religiosa Católica deve possuir.

Já possuo experiência docente, não na área de Educação Moral e Religiosa Católica, mas sim na área de Ciências Naturais e Biologia-Geologia. Escolho como unidade letiva a ser abordada neste relatório da Prática de Ensino Supervisionada a unidade “Ecologia e Valores” do oitavo ano de escolaridade do ensino básico. Essa escolha resulta do facto deste tema estar relacionado com outros que foram por mim abordados enquanto docente de Ciências Naturais.

De facto, os problemas ecológicos são um grave problema que pode afetar milhões de pessoas e também muitos seres vivos de muitas espécies diferentes. Nunca como atualmente, o ser humano fez tantos e tão graves atentados contra a vida (incluindo aqui de seres humanos e de outras espécies vivas). Além disso, a ecologia e os movimentos ambientalistas, muitas vezes, são associados a influências religiosas de tipo oriental, anticristão, ou, no mínimo, a correntes ou espiritualidades ligadas à “nova era”. Não terá o Cristianismo, nomeadamente o catolicismo algo a dizer de positivo sobre a relação que o ser humano deve estabelecer com a natureza? Este será o tema do segundo capítulo deste trabalho.

Como para um docente não é suficiente que saiba e conheça muito sobre um assunto, mas que, além disso, seja capaz de o transmitir e de levar os alunos a atingirem as metas

definidas pelo programa, o terceiro capítulo abordará a experiência letiva de cinco aulas a uma turma do oitavo ano do ensino básico do Agrupamento de Escolas André Soares, no âmbito da unidade letiva “Ecologia e Valores”. Será uma oportunidade para refletir e avaliar a minha prática docente, tendo em vista o objetivo da perfeição. Objetivo esse que é inalcançável, mas para o qual devemos sempre trabalhar a fim de continuamente melhorarmos.

Para o atingir, a pesquisa, nomeadamente a pesquisa bibliográfica é algo necessário a fim de o docente possuir bases sólidas, quer a nível de conhecimento do tema em questão, quer inclusive de suporte às estratégias que vai usar para implementar na sala de aula.

CAPÍTULO I – FAZ SENTIDO EXISTIR UMA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA?

Qual a importância da religião no mundo de hoje? Será que num Estado laico faz sentido existir uma disciplina cujos professores e programa são autorizados por uma autoridade religiosa? Porque deve o orçamento do Estado pagar esse trabalho religioso? Que características devem possuir esses professores para serem aceites como idóneos pelo bispo diocesano? Estas serão algumas das reflexões propostas, neste capítulo, relacionadas com o ensino religioso escolar, nomeadamente com a disciplina/área disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica.

1. Estatuto da religião na sociedade atual

As sociedades ocidentais, ou se preferirmos os países europeus e o Canadá são os únicos locais onde a secularização se faz presente de forma intensa.¹ Este fenómeno também afeta a sociedade portuguesa. Estas sociedades caracterizam-se por serem bastante secularizadas, no sentido de que a religião, nomeadamente a religião cristã, tem pouca ou nenhuma influência no espaço público. São sociedades em que a religião cristã possui alguma influência histórica, mas que, embora possua alguma visibilidade social, esta é pouco seguida em termos de prática ou de frequência religiosa. Em Portugal, tal fenómeno é mais sentido nas áreas urbanas que nas rurais.

A fé cristã é, hoje, uma opção e nem sempre a mais fácil!² Pode-se afirmar que existe uma perda de sentido em termos sociais. A religião deixou de ser fator de unidade social, acentuando-se o seu aspeto individualista que é acompanhado de uma pluralização de religiões e de movimentos religiosos.³

Se fizermos uma pesquisa, questionando algumas pessoas sobre os motivos que as levam a educar os filhos na fé cristã, aparecerão referências à importância da tradição, dos costumes, do que os pais delas ou elas mesmas fizeram e que, por isso, querem que os filhos

¹Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, *La religion des Européens: modernité, religion, sécularisation*, in Grace DAVIE, Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Identités religieuses en Europe*, Éditions la Découverte, Paris, 1996, 10.

² Cf. Charles TAYLOR, *Uma era secular*, Editora Unisinos, São Leopoldo, 2010, 15.

³ Cf. Eduardo DUQUE, *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*, Edições Húmus, Vila Nova de Famalicão, 2014, 30.

também o façam.⁴ Também são citados como motivos na bibliografia consultada: a paz da consciência e a fé.⁵ A tradição é algo que não passa facilmente para as novas gerações. Tem existido um “fracasso na transmissão da tradição religiosa católica às novas gerações”⁶, “o que antes era absoluto e indiscutível pode ser agora questionado e *relativizado*”⁷. De facto, a juventude caracteriza-se pelo questionamento e pela reapropriação dos valores e crenças das gerações mais antigas, fenómeno que hoje se verifica acentuadamente. Ou seja, esta atitude crítica e de distanciamento face ao passado é muito mais intensa nas gerações mais novas que nas pessoas de mais idade, o que considero pertinente destacar, sendo este relatório de uma prática de ensino em que se trabalha com adolescentes. Também é de referir que “nos tempos modernos (...) existe uma maior liberdade por parte dos filhos de escolherem o seu caminho (inclusive o religioso)”⁸. Para fazer face à diminuição da prática religiosa dos jovens revela-se importante a aposta na educação das novas gerações, por parte da Igreja.⁹

A sociedade vive centrada no consumo, no lucro e esquece outros ideais que estão para além do imediato. O que interessa é o imediato e o bem palpável do ser humano. Tudo o que vai para além disso, é esquecido.¹⁰ Esquece o transcendente. Isto não significa que não haja crentes, mas por oposição a outras épocas da História, a crença em algo de transcendente constitui uma opção entre outras possíveis. Assim como a variedade de crenças/religiões, quase se pode dizer, que cada qual escolhe a sua.

Pode-se dizer que as pessoas satisfazem as suas necessidades “religiosas” da forma que melhor lhes parece, sendo esta a dimensão principal da secularização.¹¹ É como se fosse uma espécie de supermercado religioso onde cada um vai buscar o que precisa, quando precisa.¹²

No referente ao tema principal deste trabalho: a ecologia, destacam-se, em muitos ambientalistas ou pessoas ligadas à temática do ambiente, as religiões de índole oriental, se bem que, muitas vezes, as pessoas não adiram a elas, mas partilhem só algumas das suas ideias ou princípios. A busca de algo mais, não desapareceu, e está presente em muitas pessoas, que o procuram nos mais variados âmbitos, quer no interior do Cristianismo, quer

⁴ Tive a possibilidade de questionar alguns pais/mães aquando da inscrição dos seus filhos na catequese e as respostas circulavam à volta da tradição familiar.

⁵ Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião na sociedade atual. Comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*, Instituto Português da Juventude, Braga, 2007, 71.

⁶ Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 71.

⁷ Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 26.

⁸ Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 59.

⁹ Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 46.

¹⁰ Cf. Charles TAYLOR, *Uma era...*, *op. cit.*, 33.

¹¹ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, *La religion des...*, *op. cit.*, in Grace DAVIE, Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Identités...*, *op. cit.*, 19.

¹² Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 30.

fora. É uma atitude religiosa muitas vezes alicerçada na própria experiência pessoal,¹³ excluindo, muitas vezes, as religiões ditas institucionais.¹⁴ É um bocado: *à escolha do freguês*.¹⁵ Este fenómeno, segundo Eduardo Duque, também sucede na sociedade portuguesa, embora, neste caso, de forma menos acentuada que noutras sociedades europeias.¹⁶

Muitas vezes, mesmo as pessoas que se identificam como religiosas, ou crentes em determinada religião, não a assumem por completo. Há uma certa desregulação institucional, tendo as instituições religiosas perdido o impacto social que tiveram no passado.¹⁷ É frequente encontrarmos pessoas, em Portugal, que se definem como católicos não praticantes, têm uma formação de base católica, mas reconhecem que não vivem a fé, nomeadamente, no que à prática litúrgica (celebração da eucaristia) diz respeito. Isto é frequente nas sociedades secularizadas ocidentais.¹⁸ Esse afastamento das normas, não se restringe ao campo litúrgico, mas também se reflete na moral, nomeadamente na moral sexual.

A perda de unidade entre o que a pessoa reconhece como bom e válido¹⁹ e a sua vida diária, ou mesmo o frenesim do mundo moderno,²⁰ conduz a que busque a unidade, a harmonia para a sua vida em outras religiões, ou espiritualidades. Este desejo de unidade, de harmonia, uma visão holística do mundo e do ser humano são, aliás, características da espiritualidade ou religiosidade moderna.²¹

Uma característica muito marcante dos tempos atuais é o individualismo. Isto não significa que as pessoas não venham a aderir fortemente a diferentes tipos de comunidades, mas que o percurso para lá chegar é muitas vezes um percurso individual.²² É essa atitude de busca das pessoas que as leva a frequentar diferentes locais e movimentos para satisfazerem as suas necessidades.²³

Pode-se afirmar que sempre houve *crentes* na periferia, que não eram ou não viviam a sua fé na plenitude. O que sucedeu, na atualidade, é que tais pessoas perderam, muitas vezes, qualquer contacto com a fé, aderindo a outras posições, quer ateias, quer agnósticas, quer

¹³ Cf. Charles TAYLOR, *Uma era... op. cit.*, 24.

¹⁴ Cf. Charles TAYLOR, *Uma era... op. cit.*, 596.

¹⁵ Cf. Eduardo DUQUE, *Mudanças culturais...*, *op. cit.*, 37-38.

¹⁶ Cf. Eduardo DUQUE, *Mudanças culturais...*, *op. cit.*, 216-217.

¹⁷ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, *La religion des...*, *op. cit.*, in Grace DAVIE, Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Identités...*, *op. cit.*, 20-21.

¹⁸ Cf. Charles TAYLOR, *Uma era...*, *op. cit.*, 602.

¹⁹ Cf. Charles TAYLOR, *Uma era...*, *op. cit.*, 612.

²⁰ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, Grace DAVIE, *Le déferlement spirituel des nouveaux mouvements religieux. La religion des Européens: modernité, religion, sécularisation*, in Grace DAVIE, Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Identités...*, *op. cit.*, 285.

²¹ Cf. Charles TAYLOR, *Uma era...*, *op. cit.*, 598.

²² Cf. Charles TAYLOR, *Uma era...*, *op. cit.*, 606.

²³ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, Grace DAVIE, *Le déferlement...*, *op. cit.*, in Grace DAVIE, Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Identités...*, *op. cit.*, 282.

mesmo de outras religiões.²⁴ No entanto, nem todas as sociedades ocidentais são semelhantes, há grandes diferenças entre a sociedade americana e as sociedades europeias, tendo estas últimas menor influência cristã. Atualmente, assiste-se às seguintes dicotomias: *crer sem pertencer* ou então *pertencer sem crer*. A posição mais frequente varia consoante o país em causa.²⁵

É evidente que há outras sociedades existentes, neste século XXI, em que a religião tem uma importância fundamental. Basta recordar as sociedades muçulmanas. A religião aparece como um possível fator de união ou de rivalidade entre os diferentes grupos sociais (na mesma sociedade ou entre sociedades diferentes).

Para se ter um bom conhecimento das diferentes culturas e sociedades existentes no mundo atualmente, é necessário ter alguns conhecimentos sobre as religiões respetivas. No entanto, tal não justifica a presença de, per si, da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, como veremos no ponto seguinte.

2. Importância da Educação Moral e Religiosa Católica na educação

A Educação Moral e Religiosa Católica insere-se no Currículo Nacional do Ensino Básico como uma disciplina/área curricular disciplinar de carácter optativo. Levantam-se, no entanto, algumas questões sobre a sua inclusão, que, frequentemente, vêm à discussão na praça pública.²⁶ É interessante que como vem na notícia atrás mencionada, mesmo quem é contra a sua inclusão no ensino público, destaca a relevância da religião na sociedade. Afirmam é que não se compreende a sua estrutura confessional num Estado laico como é o nosso. Estes constituem apenas alguns dos diferentes problemas que irei abordar neste ponto.

Há vários aspetos que conduzem à inclusão de Educação Moral e Religiosa Católica no currículo, mas abordo aquele que, para mim, é o mais importante. Ou seja, considero que o Estado é laico e que isso é positivo. “Há uma justa laicidade do Estado, que consiste na sua neutralidade religiosa”²⁷. O Estado não tem, nem deve forçar ninguém a aderir a qualquer religião, nem tal seria bom, pelo menos do ponto de vista da defesa dos direitos humanos e da importância que o próprio catolicismo atribui à liberdade religiosa. Aliás, o Concílio Vaticano

²⁴ Cf. Charles TAYLOR, *Uma era...*, *op. cit.*, 610.

²⁵ Cf. Jean Paul WILLAIME, *Conclusion. Les religions et l'unification européenne*, in Grace DAVIE, Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Identités...*, *op. cit.*, 291-314.

²⁶ Cf. <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/moral-e-religiao-catolica-e-uma-disciplina-imune-as-mudancas-curriculares-a-sua-presenca-e-sempre-obrigatoria-1691373> (consultado em 24/05/2015).

²⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 2, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos Pastorais. 2006-2010*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Coimbra, 2011, 13.

II dedicou um documento específico a esse tema que é a declaração “*Dignitatis Humanae*”. Este documento, nos números 1 e 2, aborda precisamente este facto, destacando a ausência de coação que deve existir no referente a este âmbito.²⁸ É salientada a importância de se agir de acordo com a própria consciência, inclusive de modo comunitário (DH 3).

No que se refere ao tema deste trabalho, que é a disciplina/área curricular disciplinar de Educação Moral e Religiosa Católica e, como estamos a abordar crianças e jovens, cuja capacidade de discernimento e de decisão ainda são limitadas, a sua opinião é importante, mas pode não ser decisiva, inclusive para a frequência da disciplina. A “*Dignitatis Humanae*” também aborda este tema, atribuindo importância à vontade dos pais. “A estes cabe o direito de determinar a forma de educação religiosa que se há-de dar aos filhos, de acordo com as suas convicções religiosas. (...) Além disso, haverá violação dos direitos dos pais se os filhos forem obrigados a frequentar cursos que não correspondam às convicções religiosas dos pais, ou se for imposta uma forma única de educação da qual se exclua totalmente a formação religiosa.” (DH 5) É aos pais que é, portanto, reconhecido o direito de educar os filhos de acordo com as suas convicções, devendo o Estado assumir um papel de subsidiariedade, ajudando naquilo que os pais não forem capazes de realizar.²⁹

Este assunto leva a um ponto que quero aqui levantar que é o facto de não existir uma educação neutra. “Não há (...) educação e ensino alheios a preocupações de ordem filosófica, política e religiosa.”³⁰ A educação pressupõe sempre uma abordagem valorativa, quer porque se abordam determinados temas, quer porque não se os abordam no próprio currículo. Para mim, a laicidade, no sentido de ateísmo ou de remeter o religioso para o espaço privado, não é um valor que aprecie ou defenda. Considero que o Estado deve *encarnar* a religião de cada cidadão, ou seja, defendendo um Estado pluriconfessional, abrangendo nesta minha definição também aqueles que não possuem religião. A Conferência Episcopal Portuguesa também partilha desta minha opinião. “Nenhum projeto educativo é neutro. (...) as crianças e os jovens têm direito a uma educação dentro dos seus padrões de cultura.”³¹ O Estado deve garantir que eu possa exercer a minha religião (dentro dos limites do razoável), em todos os espaços em que decorra a minha existência.

A opção realizada em Portugal, pela existência de disciplinas facultativas, ligadas a crenças religiosas, é algo com o qual eu me identifico, pois não vejo motivos pelos quais um

²⁸ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração *Dignitatis Humanae* (DH), 7 de Dezembro de 1965, 1-2 in AAS 58 (1966), 929-931.

²⁹ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração *Gravissimum Educationis* (GE), 28 de Outubro de 1965, 3 in AAS 58 (1966), 731-732.

³⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *A escola em Portugal, educação integral da pessoa humana*, 7 in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, op. cit., 88.

³¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002, 22.

Estado democrático deva favorecer a *não crença* face à *crença*. De facto, a componente religiosa é um “*fator*”³² *insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade*”³³. Isto não é só verdade para os cristãos, para os crentes, mas é verdade para todos os cidadãos, que sem uma adequada cultura religiosa ficam impossibilitados de compreender verdadeiramente os fenómenos sociais, pois a religião afeta a cultura e a sociedade.³⁴ A escola deve educar, isso sim, para uma coexistência pacífica na diversidade.³⁵

Ressalvo dois aspetos, o primeiro é que a disciplina, embora esteja ligada a uma confissão religiosa, não é uma sessão de catequese,³⁶ mas distinta e complementar desta.³⁷ É possível que numa turma existam um ou mais alunos de outras confissões religiosas e que, por motivos culturais ou de amizades com colegas, a frequentem. O docente não deve tentar aproveitar essa situação para os tentar converter à fé cristã. O professor não deve tentar catequizar os alunos, mas sim promover um conhecimento verdadeiro e real daquilo que é o catolicismo, podendo referir e explicar princípios de outras confissões religiosas, como aliás vem referido no programa. Está-se numa perspetiva cultural, de compreensão, mais do que de vivência real da fé.³⁸ O que não quer dizer que tal não possa acontecer, pois uma boa explicação e testemunho por parte do professor do que é a fé e do que significa e implica vivê-la, pode levar a que os alunos a queiram viver de uma forma mais profunda.³⁹

O outro aspeto, mais difícil de atingir, quanto menor for a idade do público-alvo, é conduzir os alunos a refletirem e serem capazes de raciocinar sobre os motivos que os levam a tomar decisões, nomeadamente no que à religião diz respeito. “Mais do que nunca, o aluno é ele próprio o agente da sua educação e da sua formação.”⁴⁰ Não seja só porque a pessoa A ou B disse algo, mas sejam capazes de pensar por si.

Existe na Igreja Católica o dogma da infabilidade papal, mas mesmo este é um dogma racional, existem argumentos e raciocínios a favor dele. A razão não é inimiga da fé, quando muito, a razão deve reconhecer que há certos assuntos que a ultrapassam, o que não significa

³² Neste relatório seguiu-se o denominado novo acordo ortográfico, modificando-se a grafia das citações de textos anteriores à aplicação do acordo.

³³ JOÃO PAULO II, *Conhecer o património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, in *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, 16, 21 de abril de 1991, 9.

³⁴ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral...*, *op. cit.*, 6 in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, *op. cit.*, 15.

³⁵ Cf. Etienne VERHACK, “As perspetivas da educação cristã na Europa” in *Pastoral catequética* 27 (2013), 56.

³⁶ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral da Catequese*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998, 73.

³⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Conhecer...*, *op. cit.*, 9.

³⁸ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral...*, *op. cit.*, 6 in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, *op. cit.*, 15.

³⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório...*, *op. cit.*, 75.

⁴⁰ Etienne VERHACK, “A missão dos educadores cristãos: «caminhar como árvores»” in *Pastoral catequética* 27 (2013) 99.

que sejam irracionais.⁴¹ Levar os alunos a pensarem, a tomarem decisões e decisões fundamentadas é um dos objetivos da educação em geral, inclusive no campo religioso.⁴² Este é um dos objetivos que também me norteia a mim enquanto docente. Outro dos objetivos fundamentais, de qualquer tipo de educação, é que os alunos venham a ser capazes de assumirem o seu papel enquanto membros de pleno direito da sociedade em que vivem (GE proémio). Neste caso, tal princípio também se pode aplicar à vivência na comunidade que é a Igreja, ou que, pelo menos, conheçam o que tal implica, pois poderão não ser crentes como já foi referido.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode então constituir uma ocasião para um crescimento da fé dos alunos e promover uma harmonização, um diálogo entre as diferentes disciplinas e a fé cristã.⁴³ Considero que um aspeto que o Concílio Vaticano II aplica à formação sacerdotal também se deve aplicar à formação cristã geral, nomeadamente, que os alunos devem aprender “a dirigir-se gradualmente a si mesmos, se habituem a usar sabiamente da liberdade, a tomar iniciativas e responsabilidades e a colaborar com os seus companheiros”⁴⁴. De facto, pretendem-se formar cidadãos que sejam capazes de tomar posturas críticas e reflexivas, em sociedade e que estes, conscientes da sua dignidade, venham a ser membros de pleno direito da vida da sociedade em que se inserem (GE proémio).

É importante que qualquer forma de educação religiosa cristã, tenha sempre dois polos em atenção, por um lado o bem da sociedade em que o ser humano se insere e por outro a “formação da pessoa em ordem ao seu fim último” (GE 1). Enquanto o âmbito mais geral é objeto de qualquer disciplina ou área curricular, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem de prestar mais atenção a este último ponto, não esquecendo Deus e a sua promessa de felicidade e companhia para aqueles que O aceitarem, fornecendo aos alunos uma visão cristã do ser humano, do mundo e de Deus.⁴⁵

Em suma, qualquer educação deve ser o mais completa possível, devendo ter em conta, não só as áreas científicas, mas também as religiosas, visando a “perfeição integral da pessoa humana” (GE 3). Esta é não só uma opção dos pais, mas inclusive um dever dos pais que se definem como católicos, cuidar o melhor possível da educação dos seus filhos,

⁴¹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et ratio*, 14 de Setembro de 1998 in AAS 91 (1999), 5-88.

⁴² Cf. Manuel ALTE DA VEIGA, *Filosofia da Educação e Aporias da Religião. A problemática do ensino religioso*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1988, 313.

⁴³ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Cathechesi Tradendae*, 16 de Outubro de 1979, 69 in AAS 71 (1979), 1334-1336.

⁴⁴ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto *Optatam totius*, 28 de Outubro de 1965, 11 in AAS 58 (1966) 721.

⁴⁵ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral ...*, *op. cit.*, 9 in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, *op. cit.*, 18.

inclusive, no aspeto religioso (GE 7). Não há cisão entre a plenitude do ser humano e a plenitude em Deus, cito duas frases de Dom António Francisco dos Santos, publicadas a propósito das novas metas curriculares de Educação Moral e Religiosa Católica: “A plenitude em Deus terá de ser a máxima realização do humano”⁴⁶ e “Quando se perde o horizonte último, o homem fica em causa”⁴⁷. Esta é a razão de ser que distingue a educação cristã de outros tipos de educação: o facto de que não deve perder de vista Deus e o fim último do ser humano. Este direito à educação religiosa nunca deve ser negado, pois: “Todos os cristãos (...) têm o direito à educação cristã.” (GE 2).

Não quero deixar de referir neste ponto uma nota biográfica. Embora tenha realizado a maior parte da minha educação básica e secundária numa escola católica, ela não tinha, na altura, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, no ensino secundário. Existia uma disciplina equivalente (quanto aos conteúdos e aos temas abordados) que era uma disciplina denominada Formação Integral. Talvez a ideia que tenha presidido a esta denominação tenha sido a mesma que esteve na base do documento da Conferência Episcopal Portuguesa chamado “A escola em Portugal, educação integral da pessoa humana” em que se chega a afirmar que “A educação autêntica é a educação integral da pessoa. Isto exige promoção dos valores espirituais, (...)”⁴⁸. Que a escola e, concretamente, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica possa ser um “espaço protegido e seguro onde é possível aprender aquilo de que se tem necessidade para viver uma vida que tenha sentido”.⁴⁹

Se a educação pode ser definida como o “processo de construção da identidade de uma pessoa humana”⁵⁰, uma cultura religiosa que ajude “a ler e a compreender os factos e os fenómenos religiosos, de modo especial do ambiente em que se vive, a não se tornar vítima de preconceitos, de estereótipos, de várias formas de integralismo, favorecendo o diálogo inter-religioso e a cooperação em ordem à pacífica convivência e promoção do bem comum”⁵¹ afigura-se-me nesta sociedade plural que, por consequência da imigração será cada vez mais diversa, algo absolutamente essencial para uma boa convivência na sociedade portuguesa do século XXI.

⁴⁶ António Francisco dos SANTOS, “As metas curriculares de EMRC no contexto da Educação Cristã” in *Pastoral Catequética*, nº 28/29, 2014, 173.

⁴⁷ António Francisco dos SANTOS, “As metas...”, *op. cit.*, in *op. cit.*, 174.

⁴⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral A escola...*, *op. cit.*, 5 in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, *op. cit.*, 87.

⁴⁹ Etienne VERHACK, “A missão...”, *op. cit.*, in *op. cit.*, 101.

⁵⁰ João Manuel DUQUE, “Sobre a educação integral do ser humano” in *Pastoral Catequética* 26 (2013) 11.

⁵¹ Giovanni PERRONE, “O docente católico na escola pública, testemunha das bem-aventuranças” in *Pastoral Catequética* 30 (2014) 66.

O objetivo de toda a ação educativa é o “de fazer emergir o melhor de cada um e levá-lo à maturação plena”⁵². Este é um processo que não tem fim, na escola, mas que se prolonga por toda a vida da pessoa e para o qual a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem um papel especial que é acentuado pelas características que estão previstas para o perfil dos professores que lecionam esta disciplina.

3. Perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica

A partir do ponto prévio e dado o relevo que se atribui ao crescimento da fé dos alunos e ao testemunho de vida do professor, resulta que este deverá ser cristão, católico e viver de harmonia com a sua fé, testemunhando com a sua vida aquilo que dirá nas aulas, de forma que não se lhe aplique o provérbio popular: “*Bem prega frei Tomás, faz o que ele diz, não faças o que ele faz.*”. Assim se compreende a obrigação de o docente de Educação Moral e Religiosa Católica precisar da autorização do bispo da diocese em que a escola se situa para lá poder lecionar. Autorização essa que, para ser obtida, necessita de uma declaração passada pelo pároco do docente a atestar a sua boa conduta moral e a sua vivência cristã, enquanto membro ativo inserido numa paróquia. Este facto deve-se ao professor ser um representante institucional da Igreja Católica, não é um mero crente, mas representa a Igreja – instituição, porque foi mandatado por ela.⁵³

De facto, a Concordata atualmente em vigor, estabelece no artigo 19 que, para o ensino religioso escolar católico, são os Bispos que reconhecem a idoneidade dos candidatos a professor e que decidem quais são os conteúdos a ministrar que devem estar de acordo com as orientações gerais do sistema de ensino português.⁵⁴

O Concílio Vaticano II na declaração “*Gravissimum Educationis*” refere que os professores precisam de possuir “especiais dotes de inteligência e de coração, preparação muito cuidada e uma permanente abertura à renovação e à capacidade de adaptação” (GE 5). É verdade que este documento é de índole geral e não se circunscreve especificamente aos professores de Educação Moral e Religiosa Católica, mas baliza de certa forma as qualidades que qualquer docente deve possuir.

⁵² Fernando MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual” in *Pastoral Catequética* 26 (2013) 56.

⁵³ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral...*, *op. cit.*, 1, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, *op. cit.*, 11.

⁵⁴ Cf. Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, de 16 de novembro (Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé), in *Diário da República*, I Série-A, n.º 269, artº 19, 2004, 6743.

Os Bispos da Conferência Episcopal Portuguesa consideraram que os candidatos a professores de Educação Moral e Religiosa Católica devem possuir além das qualificações científicas e pedagógicas necessárias para a docência, “o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino”⁵⁵.

Da análise destes dois documentos orientadores destaca-se algo comum a todos os docentes que é uma boa preparação científica e pedagógica. É, portanto, necessário que o docente conheça os temas ou assuntos dos programas e que os saiba transmitir, de forma correta e adequada, ao nível etário e às características da turma em questão, conseguir atingir os objetivos previstos para cada aula e também que, no final da escolaridade, se tenha conseguido atingir as metas curriculares previstas. Nunca é demais lembrar este ponto, pois um docente, que não esteja bem preparado científica e pedagogicamente, não conseguirá que os alunos atinjam os objetivos ou as metas propostas e, caso cometa erros graves, poderá educar erroneamente os seus alunos.

Outro ponto que se deve salientar são as características humanas que o docente deve possuir. Deve ser uma pessoa que estabeleça boas relações com os alunos, com os colegas e com os demais funcionários da escola. Que se integre bem, pois é necessário que tenha boas relações com os colegas, até porque se realizar atividades extra-aula, precisará da sua ajuda e colaboração, pelo menos, nalguns casos. Convém não esquecer outro aspeto que é de que se não for bem aceite pelos seus colegas professores, eles poderão boicotá-lo, dizendo aos alunos para não se inscreverem em Educação Moral e Religiosa Católica. Destaca-se também uma característica que é válida para todos os docentes, mas aqui assume uma especial relevância. O docente nunca se pode “instalar”, esta é uma profissão que exige um esforço constante e permanente, de atualização, e de tentar perceber quais serão as estratégias mais adequadas para as turmas em questão. Não é só porque uma estratégia funcionou com uma turma, que funcionará com a seguinte, mesmo que seja na mesma escola e no mesmo ano. O professor tem de ter o cuidado constante de se ir atualizando e adaptando à turma.

Conto aqui uma história pessoal: eu já lecionei Ciências Naturais e Biologia-Geologia, mas afastei-me do ensino em 2008, só agora voltei a lecionar, tendo o meu primeiro contacto sido este ano letivo, quer a assistir a aulas das minhas colegas ou da orientadora cooperante, quer a lecionar as aulas que vão ser descritas no terceiro capítulo deste trabalho. São inúmeras as diferenças que encontrei, especialmente em virtude da maior utilização do computador e do

⁵⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral...*, *op. cit.*, 5, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos ...*, *op. cit.*, 14.

projektor nas salas de aula. O sumário que, dantes era escrito num livro de ponto, agora é num programa informático existente em cada computador que existe em todas as salas de aula. O projetor, que dantes era pouco usado, pois existia um ou dois em cada escola e era necessário requisitá-los com antecedência, agora, estão disponíveis em todas, ou quase todas as salas de aula, junto com colunas e acesso à internet. Isto implica que o docente se adegue às novas possibilidades que estas novas tecnologias permitem, aprendendo a usá-las e utilizando-as da forma mais adequada às características da turma e aos objetivos do programa.

Um aspeto que qualquer professor e ainda mais um docente de Educação Moral e Religiosa Católica deve ter em conta é a relação que se deve estabelecer entre as práticas pedagógicas e a sua adequação às características concretas dos alunos. Esta reflexão deve ser constante, avaliando o professor quais os motivos que levam a sua prática educativa a funcionar ou não. Esta é uma tarefa sempre inacabada.⁵⁶

Outro aspeto que é referido nos documentos é a necessidade de que o professor seja cristão católico e viva de acordo com a sua fé. Este ponto deve ser atestado pelo seu pároco que lhe deve passar um atestado de idoneidade. De facto, se o docente de Educação Moral e Religiosa Católica deve educar na fé cristã os seus alunos, se ele não a viver, não a praticar, será um mau exemplo. Os alunos aprendem melhor a partir dos exemplos dos adultos. “*Um bom exemplo vale mais que mil palavras*”. É verdade que poderão não conhecer a vida privada do docente, mas se a conhecerem e ela não estiver de acordo com o que ele afirma nas suas aulas, perde credibilidade na sua missão. “Mais do que nunca, as crianças sentem se as palavras do educador coincidem com os seus atos.”⁵⁷ “Todo o católico é chamado a testemunhar com coragem, autenticidade e espírito de iniciativa a «boa nova».”⁵⁸ Estas palavras assumem particular relevo em alguém que como professor constitui uma presença institucional da Igreja Católica na escola pública.

Resumindo, se a missão de professor já é difícil, a missão de um docente de Educação Moral e Religiosa Católica ainda o é mais. Segundo a Conferência Episcopal Portuguesa, “em muitíssimos casos o que mais leva a aderir a esta disciplina é o carisma e profissionalismo do professor”⁵⁹. Ele tem que cativar os alunos, atingir os objetivos e as metas do programa, estabelecer boas relações com os colegas e demais funcionários, sendo um representante da Igreja Católica na escola e vivendo como cristão na sua vida quotidiana.⁶⁰

⁵⁶ Cf. Hélder PIRES, “Inovação e relação pedagógica” in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 124.

⁵⁷ Etienne VERHACK, “A missão...”, *op. cit.*, in *op. cit.*, 101.

⁵⁸ Giovanni PERRONE, “O docente...”, *op. cit.*, in *op. cit.*, 58.

⁵⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral...*, *op. cit.*, 4, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos ...*, *op. cit.*, 24.

⁶⁰ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta pastoral *Educação Moral...*, *op. cit.*, 5, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, *op. cit.*, 14.

É uma tarefa exigente, mas acredito que, com ajuda de Deus e o empenho quotidiano, será possível de atingir. Relembro aqui umas palavras da Conferência Episcopal Portuguesa dirigidas aos educadores: “Estimulamo-los a continuarem o seu trabalho, sem desânimo e com esperança, em vista de um nobre objetivo: construir o homem, o homem pleno, onde brilha a luz do verdadeiro Homem, Jesus Cristo”⁶¹, ou ainda “a educação é uma arte difícil que pede criatividade e dedicação”⁶².

O docente de Educação Moral e Religiosa Católica deve dar testemunho do amor de Deus, amor esse que não leva à perda de identidade do aluno, mas pelo contrário que o ajuda a ser cada vez mais ele próprio.⁶³ Todos os educadores, especialmente os de Educação Moral e Religiosa Católica não devem nunca esquecer a contemplação, o sentido da maravilha, da introspeção, quer para eles próprios, quer para os alunos.⁶⁴ É de facto necessário aprendermos a maravilhar com este mundo, para que ele adquira valor aos nossos olhos e o saibamos conservar e melhorar. Esta atitude relaciona-se com o segundo capítulo deste trabalho que é dedicado à problemática da ecologia e da sua relação com o Cristianismo.

⁶¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral Educação, direito...*, *op. cit.*, 2.

⁶² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral Educação, direito...*, *op. cit.*, 28.

⁶³ Cf. André FOSSION, “Que formação cristã para o corpo docente? Que competências ter em vista?” in *Pastoral catequética* 27 (2013) 86.

⁶⁴ Cf. Giovanni PERRONE, “O docente...”, *op. cit.*,” in *op. cit.*, 64.

Lynn White considerava o Cristianismo, especialmente na sua versão ocidental, como o responsável pelo atual estado de degradação ambiental e pelo desperdício de recursos naturais que existe na atualidade.⁶⁶ Será que há motivos para tal? Terá o Cristianismo uma palavra a dizer, no relacionamento do ser humano com a Criação? Neste capítulo serão abordados tais temas e também propostos alguns cristãos como modelos.

Pode-se ser cristão e ser ambientalista e até se pode dizer que um bom cristão deve ser um guarda da Criação, seguindo mais de perto o exemplo de alguns santos como São Francisco de Assis. É interessante que o próprio Lynn White, já em 1967, propôs São Francisco de Assis para patrono dos ecologistas ou ambientalistas.⁶⁷

1. Relevância da ecologia

Neste ponto inicial do trabalho é importante que se defina o sentido de ecologia – este é um conceito relativamente recente, utilizado pela primeira vez por Ernst Haeckel em 1866 (a palavra tem origem no grego *oikos* que significa casa e *logia* que significa estudo de ou tratado).⁶⁸ Atualmente é usada com o significado de estudo das relações existentes entre os organismos e o meio em que vivem. É importante especificar que se inclui o estudo das relações que os organismos estabelecem com outros organismos (da mesma espécie e de outras espécies) e não só com o meio físico.

Este assunto, apesar de cientificamente se ter revelado importante, já no século XIX, veio em pleno século XX, a partir da década de 60, a ter uma grande importância social. Foi uma época marcada por uma melhoria da qualidade de vida das populações ocidentais e conjugado com uma forte industrialização, permitiu-lhes tomar consciência dos grandes problemas ambientais da época.

A elevada poluição, a extinção de espécies e a perturbação/destruição de grandes áreas naturais não têm cessado desde então, embora nos países desenvolvidos as normas ambientais

⁶⁵ Parte deste capítulo é semelhante a um trabalho por mim realizado para a unidade curricular de Antropologia Teológica.

⁶⁶ Cf. LYNN WHITE, “The Historical Roots of Our Ecologic Crisis” in *Science* 155 (1967) 1206.

⁶⁷ Cf. LYNN WHITE, “The Historical...”, *op. cit.*, 1207.

⁶⁸ Cf. ROBERT LEO SMITH, THOMAS M. SMITH, *Elements of ecology*, Benjamin/Cummings Science Publishing, San Francisco, 2000⁴, 3.

sejam atualmente mais elevadas. Uma bióloga da Universidade de Coimbra chega ao ponto de afirmar que: “a realidade do planeta é hoje dramática”⁶⁹.

É preocupante saber que, nem as zonas de tundra, perto do Pólo Norte, escapam a este afã perturbador do ser humano, existindo mesmo nesses locais problemas ambientais.⁷⁰ Aliás, nem mesmo os locais mais isolados do planeta escapam, como as ilhas do Oceano Atlântico e Pacífico. Nesses locais, a poluição, nomeadamente, os plásticos deitados para o mar/rios chegam lá, matando aves aquáticas e outros animais marinhos.⁷¹ A poluição, atualmente, não é só um problema local, afeta a Terra no seu todo, como sejam, por exemplo, os compostos químicos conhecidos como clorofluorcarbonetos (CFC's) que, produzidos pela indústria e utilizados nos frigoríficos e nos aparelhos de ar condicionado, apesar de “proibidos” em 16/09/1987 pelo chamado protocolo de Montreal,⁷² vão continuar a destruir a camada de ozono, durante as próximas décadas. Se ressalva que, ainda há países em que por motivos economicistas, se continuam a produzir CFC's, embora a sua produção tenha notado, em termos globais, um decréscimo de 98%.⁷³

Verdade seja dita que a humanidade neste ponto teve sorte, pois o problema é mais dramático no polo Sul (onde praticamente não há seres humanos), pois lá as temperaturas são menores e a reação química de destruição do ozono é afetada pela temperatura ambiente. No entanto, persiste o problema ético de destruição dos seres vivos existentes nesses locais e que, dada a inter-relação dos ecossistemas do planeta, pode afetar significativamente outros locais do globo. A este problema ético e ecológico pode juntar-se um problema económico com a diminuição do pescado nessas zonas que irá afetar não só os seres vivos lá existentes, mas também os seres humanos que deles dependem.

Outro problema, bastante falado atualmente, é o da subida da temperatura provocado pelos gases com efeito de estufa, nomeadamente, pelo dióxido de carbono proveniente da queima dos combustíveis fósseis.⁷⁴ A subida da temperatura pode levar a um degelo dos glaciares existentes nas montanhas e nos polos, conduzindo a um aumento do nível médio das águas do mar. Esse aumento pode levar a transformações na orla costeira, podendo mesmo levar à submersão de alguns países (nomeadamente algumas ilhas do Pacífico), com a consequente perda da biodiversidade lá existente e que, por norma, em ambientes insulares é

⁶⁹ Helena FREITAS, “Sobre o (des)equilíbrio ecológico da Terra” in *Bíblica Série Científica* XII, 12 (2003) 183.

⁷⁰ Cf. Robert Leo SMITH, Thomas M. SMITH, *Elements...*, op. cit., 425.

⁷¹ Cf. www.publico.pt/ciencia/noticia/ha-mais-de-268000-toneladas-de-plastico-a-boiar-nos-oceanos-1679165 (consultado em 12/12/2014).

⁷² Cf. www.un.org/en/events/ozoneday/ (consultado em 12/12/2014).

⁷³ Cf. www.un.org/millenniumgoals/envitront.shtml (consultado em 12/12/2014).

⁷⁴ Talvez seja importante referir que o metano também é um gás com efeito de estufa e que a sua concentração na atmosfera pode vir a aumentar exponencialmente, se ocorrer o degelo do *permafrost* (solos gelados localizados perto dos pólos) que possuem muito metano retido no seu interior.

muito elevada, pois muitas vezes possuem espécies únicas no mundo. A estes dados juntam-se os danos potenciais aos seres humanos lá existentes que serão obrigados a emigrar (refugiados ambientais). É de salientar, entretanto, que muitos outros países serão afetados, nomeadamente o Bangladesh que perderá muitos Km² de área. No entanto, este não é o único aspeto negativo que o aumento da temperatura média pode provocar, mas vai certamente provocar danos nos ecossistemas naturais existentes, levando à extinção de espécies (como exemplo, pode-se citar, em Portugal, a borboleta *Maculinea alcon*) e conduzindo a profundas transformações nos habitats naturais e nas culturas agrícolas e florestais.

Quais serão as consequências naturais e humanas se passarmos a ter no Minho um clima semelhante ao do Norte de África ou do Alentejo? Este é um aspeto que devemos refletir, pois os acordos que se tentam implementar são para tentar limitar o aquecimento global a 2°C, neste século e não para impedir o aquecimento global.

Outro ponto que é obrigatório referir é o esbanjamento de recursos que promovemos na atualidade e que nos farão falta no futuro. Este facto não gera somente resíduos em excesso, mas representa um grave erro de gestão que nós (ou as gerações futuras) seremos chamados a pagar.⁷⁵

De referir igualmente que, a preocupação de ser assegurado um desenvolvimento sustentável para todos, foi um dos objetivos que a ONU definiu como objetivos do milénio.⁷⁶ É importante salientar que a noção de desenvolvimento sustentável implica que não sejam gastos demasiados recursos não renováveis, ou seja, de uma forma simplista, que o consumo de recursos que o desenvolvimento implica se possa continuar a fazer no futuro. Esta é a noção de desenvolvimento sustentável que é usada no âmbito das Ciências Naturais.⁷⁷

Um possível motivo, que conduziu a esta situação, foi uma instrumentalização da natureza. “A dimensão ontológica da natureza foi negligenciada e esquecida.”⁷⁸ Foi em suma instrumentalizada, vista como um meio para atingir um fim (imediato e que gere lucro).

O filósofo Emmanuel Lévinas quando questionado sobre o que levava as pessoas a refletirem, referiu na sua resposta situações traumáticas.⁷⁹ Considero que a situação traumática que vivemos em termos ambientais nos pode levar a refletir sobre a nossa relação com a natureza, com o mundo criado e que podemos e devemos alargar a nossa visão, deixando de nos preocupar unicamente com os problemas, apesar de estes serem reais, mas

⁷⁵ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS), 24 de maio de 2015, 26 in FRANCISCO, *Louvado sejas*. Carta Encíclica *Laudato Si'*, Editorial Apostolado da Oração, 2015, 43.

⁷⁶ Cf. www.un.org/millenniumgoals/envoiron.shtml (consultado em 12/12/2014).

⁷⁷ Cf. Osório MATIAS, Pedro MARTINS, *Biologia. 12º Ano*, Areal Editores, Perafita, 2006, 344.

⁷⁸ Isabel VARANDA, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador” in *Theologica* 38 (2003) 287.

⁷⁹ Cf. Emmanuel LÉVINAS, *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, Edições 70, Lisboa, 1988, 15.

alargando a nossa visão antropocêntrica e passando a ver o mundo como um todo, incluindo nesta visão renovada o ser humano.

Todos estes problemas provocaram uma grande sensibilização de alguns setores da sociedade. É de referir que nas três grandes causas invocadas pelos jovens europeus, entre 1987 e 1990, aparecia a paz, os direitos humanos e também a *defesa do meio ambiente*. Estes não são os dados referentes ao distrito de Braga, em que o meio ambiente não fazia parte deste grupo de três grandes causas, mas serve para ilustrar a sua importância em termos internacionais para a juventude.⁸⁰ Só 7 % referiram a importância do ambiente como factor que os pode levar a mudar de vida.⁸¹ Estes factos podem-nos levar a concluir que este seja um assunto em que pode ser pertinente investir-se, sensibilizar as pessoas em geral e de modo especial os jovens para a sua importância.

Em Portugal, destaca-se como movimento nacional a *Quercus* que recebeu o nome dos carvalhos naturalmente presentes em Portugal.⁸² Este nome já tem um significado simbólico, pois chama a atenção para a perda da biodiversidade natural existente em Portugal.⁸³ A *Quercus* nasceu a 31 de Outubro de 1985, tendo como objetivo a conservação da natureza e dos recursos naturais, defendendo o ambiente em geral.⁸⁴

É de salientar que este movimento ambientalista possui alguma relevância local, pois possui um núcleo regional, na cidade de Braga, cidade onde se situa a escola em que se realizou este estágio pedagógico e que se reúne semanalmente. O seu impacto nacional mais relevante é, atualmente, o chamado *minuto verde*, transmitido por um canal de televisão nacional⁸⁵ em que propõem medidas concretas de reduzir a poluição, minimizando o impacto ambiental.

Ressalva-se que existem, atualmente, muitos outros grupos ambientalistas existentes em Portugal, alguns de âmbito mais nacional e outros mais local.⁸⁶

Os movimentos ambientalistas podem-se dividir em duas correntes principais, a chamada *Shallow ecology* ou ecologia superficial e a *Deep Ecology* ou ecologia profunda,

⁸⁰ Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 100.

⁸¹ Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 102.

⁸² Os carvalhos pertencem ao género *Quercus*, podendo-se citar o sobreiro (*Quercus suber*), a azinheira (*Quercus ilex*) existentes naturalmente no Sul do País, o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) existente no interior norte e centro do país e o carvalho alvarinho (*Quercus robur*) existente nas florestas do Minho.

⁸³ Considero relevante afirmar que o autor deste trabalho não é neutro neste assunto, pois é sócio da *Quercus*.

⁸⁴ Cf. www.quercus.pt/home/quemsomos/apresentacao (consultado em 12/12/2014).

⁸⁵ O canal é a RTP1 e o *minuto verde* está inserido no programa *Bom Dia Portugal*.

⁸⁶ Só para referir alguns, por exemplo o *FAPAS* que desenvolve um trabalho meritório em articulação com algumas escolas, a *SPEA* que desenvolve um trabalho de observação de aves, quer com interesse científico, quer de conservação, possuindo programas de conservação de aves nas ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde. Como exemplo da atuação desta última associação pode-se citar o projeto LIFE “terras do priolo” que envolve a reconstrução/plantação do habitat natural (a chamada floresta Laurissilva dos Açores) dessa pequena ave (priolo) que só existe nalgumas ilhas dos Açores.

caracterizando-se, respetivamente, por ser mais antropocêntrica e a outra mais ecocêntrica. Esta divisão em ecologia superficial e ecologia profunda foi, pela primeira vez, efetuada pelo filósofo Arne Naess em 1973.⁸⁷ É de salientar que existe neste artigo uma distinção clara entre a primeira que só se preocuparia com o esgotamento dos recursos e a poluição e a segunda que seria mais “ecocêntrica”, sendo a preferida do filósofo Arne Naess. Alguns dos movimentos mais ecocêntricos podem ser mais extremistas no seu modo de atuação (poderão mesmo ser violentos), pois não reconhecem a especial dignidade que o Cristianismo atribui ao ser humano. Exemplificando: poderíamos afirmar que, para alguns, uma vida humana não seria mais importante que a vida de uma gineta.⁸⁸ Na ecologia superficial, as criaturas não têm valor em si, mas somente enquanto são úteis para o ser humano. Na ecologia profunda, a natureza do ser humano não é devidamente valorizada.⁸⁹

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja considera inaceitável o ecocentrismo e o biocentrismo, pois negam a especial dignidade do ser humano.⁹⁰ Se é verdade que a tradição cristã levou a uma desdivinização da natureza, tal não significa que se possa manipulá-la a bel prazer ou exclusivamente como um meio para atingir um fim.⁹¹ No entanto salienta-se que embora algumas das afirmações da ecologia profunda não sejam aceites pela Igreja Católica, outras terão uma avaliação positiva como sejam o princípio da diversidade⁹² e da autonomia local⁹³ que também são defendidos pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'* (LS 143-146).

Esta relevância da ecologia e da sua relação com a religião, já começa a aparecer nos livros de teologia moral, nomeadamente de bioética, podendo ser dado como exemplo o de Javier Gafo,⁹⁴ ou ainda o de Aurelio Fernández.⁹⁵ Javier Gafo depois de uma parte introdutória sobre a ecologia e os problemas ecológicos, reflete sobre a possível responsabilidade do Cristianismo na crise ecológica atual. Talvez seja um assunto que mereça que reflitamos sobre ele. É importante que se perceba também que, para muitos grupos existentes, a palavra *ecologia* é entendida no sentido mais amplo possível. Significa não só o

⁸⁷ Cf. Arne NAESS, “The Shallow and the Deep Ecology, Long-Range Ecology Movements: A summary” in *Inquiry*, 16, 1 (1973) 95.

⁸⁸ Pequeno mamífero carnívoro existente no Norte de Portugal.

⁸⁹ Cf. Isabel VARANDA, “Da preocupação...” *op. cit.*, 293.

⁹⁰ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Cascais, 2005, 363-364.

⁹¹ Cf. Pierre GISEL, *Nature et création selon la perspective chrétienne*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (Dir.), *Religion et Ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993, 30.

⁹² Cf. Arne NAESS, “The Shallow and the Deep Ecology, Long-Range Ecology Movements: A summary” in *Inquiry*, 16, 1 (1973) 96.

⁹³ Cf. Arne NAESS, “The Shallow...” *op. cit.*, 98.

⁹⁴ Cf. Javier GAFO, *10 Palavras chave en Bioética*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 1997⁸, 345-382.

⁹⁵ Cf. Aurelio FERNÁNDEZ, *Teología Moral III. Moral social, económica y política*, Facultad de Teología del Norte de España, Burgos, 2001³, 905-914.

meio ambiente e as relações que se estabelecem entre os seres vivos que nele habitam, mas a noção de que *tudo* está inter-relacionado, ou seja uma visão ecossistémica global.⁹⁶

A sociedade ocidental é de matriz judaico-cristã e foi a principal responsável pelos desenvolvimentos técnico-científicos dos últimos séculos. Esta religião, como vamos ver nos capítulos seguintes, caracteriza-se por não ser animista, mas por acreditar, que há uma diferença radical entre o ser humano e os outros seres materiais criados por Deus. Nisto, o Cristianismo distingue-se de algumas religiões orientais que não salvaguardam a especial dignidade do ser humano face a outros seres vivos. Estas religiões possuem, no entanto, o mérito de prestar aos outros seres vivos um cuidado especial, pois que os demais seres vivos são equiparados aos seres humanos.⁹⁷ No entanto, temos de ter em conta que os graves desmandos ecológicos, dos últimos anos, têm a sua expressão maior quando o Cristianismo já perdeu grande parte do seu impacto social.

As sociedades ocidentais tiveram a sua origem no Cristianismo, mas atualmente são seculares, não são cristãs.⁹⁸ Nos movimentos ambientalistas também se pode fazer essa distinção, nalguns há pessoas cristãs e defendem valores cristãos, noutros o Cristianismo está ausente nos próprios valores que defendem. Esta variedade é consequência da extrema diversidade das nossas sociedades ocidentais em que, num mundo globalizado, as ideias e as religiões não têm fronteiras.

Muitos movimentos ambientalistas recusam a sociedade ocidental e a sua religião maioritária, o Cristianismo, pretendendo regressar a religiões pagãs ou então, de estilo oriental.

Em Portugal, como exemplo de movimento alternativo, pode-se indicar o caso de Tamera, no Alentejo, embora os seus iniciadores não sejam de origem portuguesa. Refiro-o expressamente apenas por se situar em território português.⁹⁹

É interessante que nalguns grupos ligados à Igreja Católica, como por exemplo na Comissão Nacional Justiça e Paz, sejam publicados documentos que abordam a questão do meio ambiente e a sua necessária defesa pelo Estado e por cada pessoa individualmente.¹⁰⁰ É importante que se veja quais são os recursos religiosos que podem ser mobilizados para tratar dos problemas da ecologia e das mudanças de mentalidade e de comportamentos que temos

⁹⁶ Cf. Aldo Natale TERRIN, *Introduzione 8* in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia e liturgia*, Edizioni Messagero Padova, Abbazia di Santa Giustina, Padova, 2003.

⁹⁷ Cf. Javier GAFO, *10 Palavras...*, *op. cit.*, 354.

⁹⁸ Cf. Javier GAFO, *10 Palavras...*, *op. cit.*, 357.

⁹⁹ Cf. www.tamera.org (consultado em 8/4/2014).

¹⁰⁰ Cf. Manuela SILVA, *Cidadania activa. Desenvolvimento justo e sustentável*, Comissão Nacional Justiça e Paz, Editora Cidade Nova, Braga, 2005, 61.

de adotar. “Solo la responsabilità morale e il senso religioso possono offrire all’umanità futura una Terra abitabile.”¹⁰¹

Depois de apresentarmos sucintamente algumas questões gerais relacionadas com a ecologia e com os motivos pelos quais é um tema tão premente, hoje em dia, abordaremos alguns pontos mais especificamente relacionados com o Cristianismo. Optei por dar especial relevo aos textos bíblicos, pois influenciam o modo como os cristãos (e os judeus)¹⁰² veem o mundo e a natureza em geral.¹⁰³

2. O ser humano como co-criador – relatos bíblicos da Criação

Uma abordagem demasiado negativista da sociedade atual poderia levar-nos a pensar que o ser humano não deve agir de forma nenhuma sobre a natureza, que o desenvolvimento tecnológico e científico são negativos. Esta não é, no entanto, a posição da Igreja Católica já expressa pelo Papa João Paulo II. Na sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1990, referiu que o problema não está no desenvolvimento tecnológico, mas na “*aplicação sem discernimento* dos processos científicos e tecnológicos”¹⁰⁴. Para percebermos porque é que a Igreja parte desse princípio, talvez seja útil vermos o papel que o ser humano possui nos relatos bíblicos da Criação, conservados no Génesis.

Convém antes de mais esclarecer que: “A intenção subjacente aos textos bíblicos é teológica e religiosa; não é científica.”¹⁰⁵. Os textos bíblicos não nos pretendem transmitir verdades históricas sobre a origem ou o começo do mundo ou do cosmos, mas transmitir verdades religiosas.¹⁰⁶ “A Criação se apresenta como o primeiro tempo da salvação”¹⁰⁷. “De facto, os mitos em geral e os *mitos de origem* em particular são uma forma de comunicar uma mensagem.”¹⁰⁸ “Deus cria seres perfeitos na sua ordem, mas não finalizados na sua

¹⁰¹ Gian Luigi BRENA, *Ecologia e Teologia. Presupposti per una convergenza*, 51 in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia e liturgia*, Edizioni Messagero Padova, Abbazia di Santa Giustina, Padova, 2003.

¹⁰² Cf. Catherine CHALIER, *L’alliance avec la nature selon la tradition hébraïque*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion et Ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993, 18.

¹⁰³ Cf. Daniel DEFFENBAUGH; David DUNGAN, *Bíblia y ecología*, in William FARMER (dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000², 288.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 12 de agosto de 1989, 6 in AAS 82 (1990), 150.

¹⁰⁵ Isabel VARANDA, “A Ecologia como chave hermenêutica da Criação e da Evolução” in *Theologica* 2, 45 (2010) 457.

¹⁰⁶ Este facto pode parecer óbvio para qualquer estudante de um mestrado em Ciências Religiosas da Universidade Católica Portuguesa, mas não o é para os alunos com os quais vamos lidar na nossa vida profissional. Por isso optei por o salientar.

¹⁰⁷ L. F. LADARIA, *A criação do céu e da terra*, in Bernard SESBOÜÉ (dir.), *O homem e sua salvação, séculos V-XVII*, Edições Loyola, São Paulo, 2010², 35.

¹⁰⁸ Armindo dos Santos VAZ, “Ecologia e Criação, à luz de Génesis 1” in *Bíblica. Série científica*, 11 (2002) 123.

ordem.”¹⁰⁹. Se isto é verdade para os outros seres vivos, muito mais o é para o ser humano que tem a capacidade de se ir construindo a si próprio com as escolhas que vai fazendo, consoante o uso que faz da sua liberdade. “Somente ele, entre os seres deste mundo, pode compreender a sua vida como dom e sua existência livre como autenticamente sua”¹¹⁰. Esta é tarefa quotidiana de cada ser humano e que nunca está completa. André Wénin chega a afirmar que o *façamos* de Gn 1,26 se refere aos próprios seres humanos que escutam a leitura e que são envolvidos e convidados a participarem e a fazerem a sua parte na obra criadora de Deus.¹¹¹ Como se o ser humano fosse a imagem de Deus, mas tivesse de adquirir a semelhança com Deus.¹¹²

O ser humano “pertence a uma criação que o ultrapassa mesmo que seja o alvo dela”¹¹³. Os ortodoxos dizem que ele é o cume da obra criadora de Deus.¹¹⁴ O ser humano é imagem de Deus, domina sobre os outros animais, mas partilha algo da sua condição, deve submeter a terra, mas deixa a Deus o domínio do mar e submete-se ao ritmo dos astros.¹¹⁵ Ele possui uma certa semelhança com o seu Criador (Gn 1,26-27) e deve cuidar do local em que o Criador o colocou (Gn 2,15). O ser humano recebe uma missão a realizar e não propriamente um cetro.¹¹⁶

Infelizmente, nem sempre se entenderam estes textos de forma correta e, muitas vezes, serviram para justificar comportamentos abusivos do ser humano. É importante ler a afirmação de domínio (Gn 1,28) no seu contexto. Feita essa observação, notar-se-á que o comportamento do ser humano deve ser semelhante ao seu Criador, pois foi criado à Sua imagem e semelhança. Não lhe é lícito adotar qualquer tipo de relação com o criado, mas deve assemelhar-se ao seu modelo originário que é o próprio Deus. Segundo Paul Beauchamp o ser humano foi criado à imagem de Deus e Deus domina pela *palavra*,¹¹⁷ consequentemente o ser humano deve proceder do mesmo modo. A *palavra* implica destino, decisão, passagem, exprime uma vontade, um desejo.¹¹⁸

¹⁰⁹ Isabel VARANDA, “A Ecologia...” *op. cit.*, 457.

¹¹⁰ L. F. LADARIA, *A criação...*, *op. cit.*, in Bernard SESBOÛÉ (dir.), *O homem...*, *op. cit.*, 38.

¹¹¹ Cf. André WÉNIN, *L’umanità e il creato: dominio e mitezza*, in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia e liturgia*, Edizioni Messagero Padova, Abbazia di Santa Giustina, Padova, 2003, 27.

¹¹² Cf. André WÉNIN, *L’umanità...*, *op. cit.*, in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia...*, *op. cit.*, 28.

¹¹³ Bernard SESBOÛÉ, *Da criação à glória*, in Bernard SESBOÛÉ (dir.), *O homem e sua salvação, séculos V-XVII*, 33.

¹¹⁴ Cf. Nicolas LOSSKY, *L’Homme, roi de la création. Perspective orthodoxe*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion et Ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993, 48.

¹¹⁵ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Création et séparation. Étude exégetique du chapitre premier de la Genèse*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2010, 45.

¹¹⁶ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Création...*, *op. cit.*, 118.

¹¹⁷ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Testament biblique. Recueil d’articles parus dans Études*, Bayard Editions, Paris, 2001, 22.

¹¹⁸ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Création...*, *op. cit.*, 119.

Pode-se referir que, neste relato, é suposto que o ser humano possua, neste momento da sua história uma alimentação vegetariana, pois apesar de lhe ser dito para dominar sobre os animais, não é dito que eles podem servir de alimento (Gn 1,29).¹¹⁹ Estamos portanto num relato de grande paz, suavidade¹²⁰ que, não legitima, de modo nenhum, uma opressão do ser humano sobre a natureza, mas convida a relacionar-se com ela, tendo como modelo o Criador da mesma e não qualquer ideia que venha à cabeça do ser humano. Um dos autores já referidos, Paul Beauchamp chega a afirmar que o objetivo deste texto não é informar-nos sobre os inícios do cosmos e do ser humano, mas transmitir uma lei ao ser humano,¹²¹ ou numa outra obra, o sábado.¹²² Não resisto a citá-lo diretamente: “la douceur de l’homme envers l’animal, douceur exigée par son regime alimentaire est le signe de l’absence de guerre entre les hommes e que ceci est le point principal qui constitue l’homme à l’image de Dieu”¹²³. De facto estes relatos da Criação dizem-nos como o ser humano deve proceder. A paz é tão universal que até se aplica aos animais e não só aos seres humanos.¹²⁴ Outro autor salienta que o ser humano nem sequer compete pelo alimento com os restantes animais, tendo alimentação separada.¹²⁵

É importante referir que Deus criou um ser capaz de o negar,¹²⁶ de lhe dizer que não O quer, que não quer acreditar no próprio Deus que o criou e que criou o mundo em que ele habita. Pode-se afirmar em conjunto com os ortodoxos e os judeus que Deus criou um ser diferente do próprio Deus, a quem Ele pode dizer “Tu”¹²⁷. A liberdade é uma característica essencial do ser humano, permite que ele possa tomar a decisão de fazer coisas maravilhosas e também horríveis.

Deus não é um relojoeiro,¹²⁸ mas é Criador e criou seres capazes de criar. No próprio relato da Criação é ao ser humano que compete dar nomes às restantes realidades. O ser humano tem, por mandato divino, um mandato a desempenhar. No entanto, este mandato não é arbitrário, obedece a normas, deve obedecer ao modelo que constitui o próprio Deus e aos limites que Ele estabeleceu: “não comerás do fruto da árvore” (Gn 2,17). Este fruto, que lhes é proibido comer, implica a existência de um limite que é importante que não seja ultrapassado.

¹¹⁹ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Testament biblique...*, *op. cit.*, 26.

¹²⁰ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Testament biblique...*, *op. cit.*, 26.

¹²¹ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Testament biblique...*, 29.

¹²² Cf. Paul BEAUCHAMP, *Création et séparation. Étude exégétique du chapitre premier de la Génèse*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2010, nota 45, 59-60.

¹²³ Paul BEAUCHAMP, *Pages exégétiques*, *Lectio divina* 202, Les Éditions du Cerf, Paris, 2005, 107.

¹²⁴ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Pages...*, *op. cit.*, 142.

¹²⁵ Cf. André WÉNIN, *L’humanité...*, *op. cit.*, in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia...*, *op. cit.*, 33.

¹²⁶ Cf. Isabel VARANDA, “A Ecologia...” in *op. cit.*, 458.

¹²⁷ Cf. Nicolas LOSSKY, *L’Homme, roi de la création...*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion et Ecologie*, 47-48.

¹²⁸ Cf. Adolphe GESCHÉ, *Dios para pensar II – Dios - El Cosmos*, Col. Verdad e Imagen, 136, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997, 208-209.

Não é lícito ao ser humano fazer tudo, a sua ação tem limites que é importante que não sejam ultrapassados, correndo o risco de isso trazer infelicidade para o próprio ser humano e para o mundo.

De certa forma, é isso que está presente em Gn 2,16 em que é posto um limite, neste caso, referente ao que o ser humano poderia comer. O ser humano, embora goste de os ultrapassar, deve possuir limites. Isto é válido em âmbito educativo, mas não só. De certa forma, os limites formam-nos, ajudam-nos a centrar no essencial, a não querer ser aquilo que não somos (deuses).

Mas este relato não tem só a proibição de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, tem também o mandamento de cultivar e guardar o jardim (Gn 2,15). Esta noção de guarda não se aplica, portanto, somente às pessoas, mas também a outras realidades criadas por Deus, como a natureza. O ser humano não soube guardar o jardim, como Deus queria e usou-o para os seus próprios fins. Mais adiante vai questionar o próprio Deus, perguntando-lhe se é guarda do seu irmão (Gn 4,9). Refiro-me à história de Abel e Caim. O ser humano deve pensar que o seu papel é o de ser guarda deste jardim em que nós estamos inseridos: o mundo e também ser guarda do seu irmão. Aliás, até podemos afirmar, como São Francisco de Assis o fará, que os outros seres vivos são uma espécie de irmãos do ser humano, pois, como ele foram formados por Deus, a partir da terra. O pecado tem, biblicamente, repercussões na própria natureza criada, no cosmos, criando uma desordem, há uma ligação entre o ser humano e o cosmos.¹²⁹

Abordo também aqui Emanuel Lévinas que refere a responsabilidade do ser humano. Este afirma que: “sou responsável de uma responsabilidade total, que responde por todos os outros e por tudo o que é dos outros, mesmo pela sua responsabilidade. O eu tem sempre uma responsabilidade a mais que todos os outros”¹³⁰. Conjugando esta noção filosófica com o texto de Gn 2,15, do ser humano como guarda do jardim, acho que se pode afirmar que é obrigação do ser humano responder, não só pelos seres humanos presentes, não só pelos futuros, mas também responder por aqueles que nem sequer são seres humanos, são simplesmente seres vivos. O ser humano tem a obrigação de cuidar do mundo que lhe foi dado por Deus. Assim, considero que as palavras de Lévinas são excelentes, embora aqui neste meu uso lhe alargue o âmbito a todos os seres vivos e não exclusivamente aos seres humanos: “Assumir a responsabilidade por outrem é, para todo o homem, uma maneira de testemunhar a glória do Infinito, de ser inspirado.”¹³¹. Pode-se conjugar esta responsabilidade

¹²⁹ Cf. Daniel DEFFENBAUGH; David DUNGAN, *Bíblia..., op. cit.*, in William FARMER (dir.), *Comentario..., op. cit.*, 289-290.

¹³⁰ Emmanuel LÉVINAS, *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, Edições 70, Lisboa, 1988, 91.

¹³¹ Emmanuel LÉVINAS, *Ética..., op. cit.*, 107.

com os textos do Génesis atrás referidos, mas alargando a visão, não só ao passado, mas também ao futuro, como na visão da paz messiânica de Is 11,6-7, ou seja: estas imagens não correspondem somente a factos passados, mas são metas para um futuro em que o ser humano possa viver em paz consigo mesmo, com os outros e com a Criação de Deus, sendo realizado isso pela *palavra*¹³² que é afinal um dos nomes dados à Segunda Pessoa da Santíssima Trindade (Jo 1,1). Não devemos esquecer que o ser humano possui limites. Há um limite naquilo que o ser humano pode fazer, para que a alteridade, o respeito devido ao *outro* não desapareça.¹³³

3. A Criação e o ser humano noutros textos do Primeiro Testamento¹³⁴

Neste ponto do trabalho continuo a abordar a temática bíblica do mundo criado e da sua relação com o ser humano e com Deus. Como não lembrar o magnífico hino dos três jovens na fornalha ardente, do livro do profeta Daniel (3,51-90), que numa época de grande perseguição religiosa por causa da fé, exprimem a sua fé no Autor de tudo o que foi criado e que por isso existe. Convidam toda a Criação a louvar a Deus, talvez numa substituição dos ímpios que os perseguem. Este não é o único livro da Bíblia em que tal acontece e em que seres não vivos ou seres irracionais são convidados a louvar a Deus, como acontece nos salmos. Segundo Paul Beauchamp este livro dever-se-ia mesmo chamar “livro dos louvores” pois é esse o nome hebraico do livro.¹³⁵

Essas orações que são rezadas em todas as eucaristias e às quais não se costuma dar o mérito que possuem.¹³⁶ Os salmos constituem orações belíssimas e estão incluídos na liturgia das horas (que os clérigos e os religiosos devem rezar), constituem para o cristão leigo normal, algo de desconhecido, que só é rezado nas missas e que, provavelmente, nunca rezaram a não ser nessas ocasiões. Considero-os riquíssimos também no que à questão ecológica diz respeito e por isso decidi incluí-los neste trabalho.

Os salmos abordam o tema da Criação e da sua relação com Deus que a criou e com o ser humano que, embora também seja uma criatura de Deus, tem na Criação um papel especial.

¹³² Cf. André WÉNIN, *L’umanità...*, *op. cit.*, in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia ...*, *op. cit.*, 39.

¹³³ Cf. André WÉNIN, *L’umanità...*, *op. cit.*, in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia ...*, *op. cit.*, 44.

¹³⁴ Para esta secção do relatório, baseio-me principalmente na obra em dois volumes *Salmos I* e *Salmos II* de Luis Alonso SCHOKEL, Cecilia CARNITI publicada pela Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra).

¹³⁵ Cf. Paul BEAUCHAMP, *Testament biblique...*, *op. cit.*, 35.

¹³⁶ Há tempos atrás, chegou a existir o costume de os substituir por outras orações (pelo menos cheguei a presenciar esse facto).

No Salmo 147, Deus é visto como responsável pela fertilidade da terra (v. 8-9) para os animais selvagens. Deus sacia Jerusalém com a flor da farinha (v. 14).¹³⁷ Deus não cuida somente do ser humano, os restantes seres vivos também fazem parte das suas preocupações.¹³⁸ Correndo o risco de me repetir, refiro que o universo criado é algo com que Deus se preocupa. Possui, por isso, valor em si mesmo, não é somente o ser humano que possui valor, o universo já possuía valor antes de o ser humano existir.

Também é importante referir o Salmo 148 que convida toda a Criação, incluindo os animais, as plantas e mesmo as montanhas e os astros a louvar o Senhor. Funciona quase como uma espécie de um gigantesco coral que louva o Senhor pela sua obra criadora e salvadora.¹³⁹

Não posso deixar de referir aqui que uma das finalidades da Criação é que o ser humano louve o Senhor Deus por ela.¹⁴⁰ Este louvor ao Senhor por parte da Criação é mesmo o convite final que o salmista lança no final do livro dos Salmos “Tudo o que respira louve o Senhor! Aleluia!” (Slm 150,6). Chamo a atenção de que pretende, que também aqueles que nós denominamos animais irracionais, louvem o Senhor e não só os seres humanos. Numa linguagem mais racional esta forma de se expressar pode parecer estranha, mas considero que é necessário ler este texto de uma forma poética. O autor bíblico talvez soubesse que um cão não *louva* no sentido estrito do termo, mas talvez atue, fazendo aquilo para que Deus o criou, sendo esse seu modo de agir a sua *forma de louvar*. O autor pretende associar ao louvor, não somente os seres humanos, mas tudo o que é capaz de respirar.

Mas os salmos não se restringem a abordar a Criação nessa perspectiva, também abordam o motivo pelo qual Deus a criou, sendo esse motivo o seu imenso amor. O Salmo 136 (135) equipara as maravilhas da Criação às da libertação do Egito. Em todas é o amor eterno do Senhor que se revela. O salmista convida os que o escutam ou leem a louvar o Senhor, porque o seu amor é eterno. Por oposição a Génesis 1, não se especifica como Deus atua, só se dizem quais são as suas obras¹⁴¹ e convida a louvar o Senhor, incluindo pelo alimento que na atualidade nos dá.¹⁴²

¹³⁷ Cf. Luis Alonso SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II. Salmos 73-150 Traducción, introducciones y comentario*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2008³, 1650.

¹³⁸ Pode-se citar aqui o famoso texto do profeta Jonas em que Deus lhe diz que na cidade de Nínive também há muitos seres humanos e inclusive outros seres vivos que não quer destruir (cf. Jn 4,11).

¹³⁹ Cf. Gianfranco RAVASI, *Salmos 90-150*, in William FARMER (dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000², 783.

¹⁴⁰ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 344-348.

¹⁴¹ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 1558.

¹⁴² Neste *nos* podem-se incluir todos os seres humanos, segundo a tradução de L. SCHOKEL & C. CARNITI, *Salmos II ...*, 1561 ou todo o ser vivo, segundo a tradução da Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica, 2009⁵, cf SI 136,25.

Neste nosso périplo por alguns salmos é de destacar o salmo 104 (103) que não personifica a Criação como louvando a Deus (como sucede nos salmos anteriormente referidos), mas descreve-a, louvando ao Senhor por ela.¹⁴³ É um Deus que vela pela sua Criação, não um Deus distante, mas um Deus que intervém ativamente na manutenção da ordem, no interior da sua obra.¹⁴⁴ Chega ao ponto de alimentar os animais selvagens (vv. 27-28), de transformar as fontes em rios (v.10). Quanto ao ser humano deve trabalhar (v. 23) para transformar os alimentos no pão, vinho e azeite de que se nutre (vv. 14-15). Considero interessante esta articulação de animais selvagens e do trabalho do ser humano. É importante para nos lembrarmos que nem tudo na Criação está ao serviço exclusivo do ser humano, para seu único usufruto. Considero este salmo como um convite a louvar o Senhor pela sua obra, que não a criou somente no passado, mas que a cria, que a mantém, que não se desliga dela, mas que acompanha no seu devir, no seu transformar.

O salmo 98 (97) também convida toda a Criação a louvar o Senhor do Universo. Este salmo 98 (97) lembra a obra salvadora de Deus, provavelmente a da libertação do exílio da Babilónia e o regresso de parte dos judeus lá exilados à sua terra.¹⁴⁵ Possui algumas semelhanças com outros textos contemporâneos do regresso dos exilados da Babilónia que são: Isaías 44,23; 49,13 e 55,12. Estes textos também colocam a Criação a louvar a Deus.¹⁴⁶ O acontecimento do regresso a Jerusalém, após o exílio da Babilónia, pode ter sido visto como um acontecimento tão grandioso, tão espetacular que eles quiseram associar todo o universo criado ao louvor¹⁴⁷ a Deus que os libertou.

Deus é visto como o responsável pela fertilidade da terra, que demonstra o carinho de Deus,¹⁴⁸ no salmo 65 (64). Numa perspectiva mais agrícola como bênção de Deus: os frutos do campo no salmo 67 (66). Ambos os salmos vão numa linha semelhante à de Levítico 26,4.¹⁴⁹

Os autores, que estamos seguindo, fazem nesta parte uma alusão à eucaristia na análise deste salmo, pois lá também se agradecem (e se usam) os frutos da terra.¹⁵⁰ Este é um ponto que é essencial para os católicos, mas que, muitas vezes, é esquecido. O significado da palavra Eucaristia é exatamente ação de graças. Se os que se afirmam católicos dessem mais vezes graças a Deus, não só no momento da celebração, mas na vida do dia-a-dia e, inclusive, pelas obras criadas por Deus, a relação do ser humano com a Criação seria diferente. Falta-

¹⁴³ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 1301.

¹⁴⁴ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 1302.

¹⁴⁵ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 1245.

¹⁴⁶ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 1249.

¹⁴⁷ Cf. Gianfranco RAVASI, *Salmos 90-150*, in William FARMER (dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000², 771.

¹⁴⁸ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 850.

¹⁴⁹ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 866.

¹⁵⁰ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos II...*, *op. cit.*, 852-853.

nos ser seres humanos *eucarísticos*, que saibamos dar graças pelos dons recebidos e que os usemos bem. Que não os usemos como ladrões que se apoderam dos bens à força, mas como alguém que os recebeu do seu Pai e que os deve melhorar e aperfeiçoar, não destruir.

O salmo 19 (18) coloca o firmamento a anunciar a obra do Senhor, agregando também no mesmo salmo referências à beleza da lei.¹⁵¹ A ideia principal que surge da leitura deste salmo é uma ideia de sentido, de ordem e também de louvor ao Senhor, quer nas obras da Criação (astros), quer na lei entregue ao ser humano.¹⁵² Está-se talvez salientando um aspeto semelhante ao que é focado no livro da Sabedoria (13,1-9), em que se afirma que a partir da Criação é possível chegar ao Criador da mesma. Mas, aqui, salienta-se mais o aspeto da lei de Deus, vista não como proibição (como na mentalidade de Eva que transparece em Gn 3,2), mas como algo de positivo, ou mais literalmente de reconfortante, de sábio, de luz, mais doces que o mel são as palavras de Deus (Sl 19,11). Estas imagens transmitem a bondade solícita de Deus que nos entrega a lei para nos guiar. Mas a lei não chega para tornar o ser humano perfeito e o salmista dirige-se a Deus numa súplica.¹⁵³ É esta relação que falta ao ser humano na sua relação com as criaturas, o de ver nelas a beleza do Criador, servindo elas de trampolim para o Criador.

A exploração que o ser humano efetua na natureza, parte desta falta de relação com o Criador da mesma e esquecimento da sua lei, mesmo atualmente. O ser humano utiliza a natureza, não como nalgumas religiões em que é preciso pedir perdão ao animal que se vai caçar, mas esquecendo o princípio cristão, de algo extremamente simples, como o de dar graças a Deus pelos bens que colocou ao nosso dispor.

O salmo 8 exalta o nome admirável de Deus, afirmando que deu domínio ao ser humano sobre a obra das suas mãos, nomeadamente sobre os animais selvagens e domésticos. Considero que este domínio não se deve entender como arbitrário, pois embora a natureza não seja vista como uma entidade mágica, ela tem um Criador e o salmo respira essa ligação com o seu Criador. O ser humano também é louvado, mas o louvor principal refere-se a Deus.¹⁵⁴ Referindo Hans-Winfried Jüngling só será verdadeiramente ser humano digno desse nome, aquele que não proceder arbitrariamente e reconheça a Deus como seu Criador e Senhor.¹⁵⁵

É esta relação com o Criador que deve estar presente quando o ser humano se relaciona com as criaturas. Este tema será desenvolvido mais à frente no trabalho, quando se

¹⁵¹ Cf. Hans-Winfried JÜNGLING, *Salmos 1-41*, in William FARMER (dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000², 727-728.

¹⁵² Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos I. Salmos 1-72. Traducción, introducciones y comentario*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2009⁴, 346.

¹⁵³ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos I...*, *op. cit.*, 347.

¹⁵⁴ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos I...*, *op. cit.*, 214.

¹⁵⁵ Cf. Hans-Winfried Jüngling, *Salmos 1-41*, in William FARMER (dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000², 720.

abordar Santo Inácio de Loiola. Quando o ser humano se relaciona com o universo criado, não se deve esquecer de que o universo e ele próprio foram criados por Deus. É este olhar religioso para o ser humano e para o universo criado que está presente no salmo 8. Não obstante isto, o salmo não aponta para um cenário idílico, mas afirma a existência de inimigos, de adversários rebeldes, que são calados pela boca de meninos, de lactantes.¹⁵⁶

Talvez isto aponte para uma preocupação que devemos ter em conta se não nos queremos converter em inimigos (nossos e da Criação), a necessidade de olhar o mundo com um olhar infantil, de espanto, como se fosse a primeira vez que o víssemos, com um olhar agradecido e de louvor ao Senhor. Olhar que não deve ficar por aí e que se deve traduzir em palavras e obras, como aqueles meninos que acolheram Jesus na sua entrada em Jerusalém, ocasião em que Mateus coloca na boca de Jesus uma citação de parte deste salmo “Da boca dos pequeninos e das crianças de peito fizeste sair o louvor perfeito” (Mt 21,16). Embora possa parecer despropositado, considero relevante, pois Jesus Cristo responde plenamente à questão sobre quem é o ser humano, que é ser filho de Deus,¹⁵⁷ não por natureza, mas por adoção, por graça e como tal deve viver.

4. A novidade de Cristo e a ecologia

É um bocadinho arriscado querer escrever algo sobre Cristo e a sua relação com a ecologia. Os problemas ambientais resultantes de danos causados pelos seres humanos não eram problemas que se fizessem sentir com acuidade, no tempo de Jesus Cristo. No entanto, considero que algumas coisas poderão ser ditas e que devem mesmo sê-lo ditas, pois os cristãos têm em Jesus Cristo o modelo perfeito de vida. “A condição de criatura foi compartilhada pelo próprio Filho de Deus.”¹⁵⁸ O simples facto de a Segunda pessoa da Santíssima Trindade ter encarnado e assumido a condição humana, vivendo neste mundo, deve levar-nos a valorizar não só os seres humanos, mas também este mundo que foi *digno* de o acolher.

Um aspeto que considero que devo salientar é a relação de Jesus com as criaturas. Jesus Cristo para transmitir as suas ideias, a sua mensagem não vai utilizar termos elaborados com base em filosofias em voga, na época. Não usou aquilo que em português corrente se denominam palavras caras, usou imagens e temas, muitas vezes, tirados da natureza, ou de

¹⁵⁶ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos I...*, *op. cit.*, 219.

¹⁵⁷ Cf. Luis SCHOKEL, Cecilia CARNITI, *Salmos I...*, *op. cit.*, 224.

¹⁵⁸ L. F. LADARIA, *A criação...*, *op. cit.*, in Bernard SESBOÜÉ (dir.), *O homem...*, *op. cit.*, 37.

acontecimentos da vida quotidiana. Ele sabia ver a realidade que o cercava e usava-a para exemplificar/comparar com os temas que queria abordar com os seus ouvintes. Tirando a figueira amaldiçoada (que pode constituir um símbolo da Jerusalém terrena que não dava frutos e/ou então um sinal para reforçar a fé dos discípulos), não se conhece nenhum caso em que Jesus tenha agido contra um ser vivo, apenas motivado pelo seu querer.

Nos evangelhos é afirmado que Jesus se retirava para locais isolados para rezar. Esta necessidade, que nós também temos de deixar o burburinho do dia-a-dia, de estarmos conosco próprios, com Deus, no meio da natureza, parece que foi algo sentido pelo próprio Filho de Deus, certamente para melhor saber como cumprir a vontade do Pai. Talvez se possa questionar que nos relatos é acentuado o aspeto da solidão, mas acho que também faz parte da nossa natureza humana, o gostar de contemplar um céu noturno (longe da luz e do burburinho das cidades), o mar ou uma seara ondulada pelo vento.

Os ortodoxos salientam o aspeto da Encarnação de Jesus Cristo, dizendo que é por causa dela, ou em vista dela, se recuarmos no tempo, que o ser humano é o cume da Criação de Deus. No entanto, é preciso ver como Jesus viveu para perceber o que significa ser rei, que é servir, o que também é aplicado à Criação de Deus. O ser humano também deve servir, não só o seu próximo, mas toda a Criação de Deus.¹⁵⁹ Os ortodoxos chegam a incluir na liturgia, nomeadamente no cânon eucarístico de São Basílio, esta preocupação pelo bem estar da Criação.¹⁶⁰

5. Alguns documentos da Igreja e intervenções do Magistério Papal

O Papa São João Paulo II, por ocasião da sua mensagem para o XXIII Dia Mundial da Paz, em 1990, referia a “falta do respeito devido à natureza”¹⁶¹ como uma das ameaças à paz. Este é um problema que pode afetar a humanidade no seu todo e que precisa de ser repensado, não somente por colocar em perigo a vida neste planeta, mas por uma necessidade intrínseca ao Cristianismo. Os cristãos, que acreditam que Deus criou um mundo organizado, um cosmos e não um caos, têm a obrigação moral de respeitar esse cosmos e de salvaguardar a sua integridade.¹⁶²

O mesmo São João Paulo II, na *Evangelium vitae*, refere no número 42, a importância da salvaguarda do ambiente vital, não só para o ser humano, mas também para os outros seres

¹⁵⁹ Cf. Nicolas LOSSKY, *L'Homme, roi...* op. cit., in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion...*, op. cit., 48-49.

¹⁶⁰ Cf. Nicolas LOSSKY, *L'Homme, roi...*, op. cit., in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion...*, op. cit., 49.

¹⁶¹ JOÃO PAULO II, *Mensagem...*, op. cit., 1 in op. cit., 150.

¹⁶² Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem...*, op. cit., 8 in op. cit., 150.

vivos.¹⁶³ O Papa destaca a importância disso para o ser humano, para as gerações futuras, mas também fala dos outros seres vivos e considero que isso é algo a ser vivido. Não é só por nossa causa que devemos proteger a vida na terra, não somos as únicas criaturas que Deus ama.

Por uma questão de ser mais sistemático, abordarei primeiro o *Compêndio da doutrina social da Igreja*.¹⁶⁴ Este documento, embora não seja da responsabilidade de um Papa, mas do Conselho Pontifício Justiça e Paz, pretende dar a conhecer, de forma organizada, o pensamento da Igreja sobre o campo social, em que abordou também a temática da ecologia. É importante referir que este documento considera este tema de tão grande importância que lhe dedica todo o capítulo X intitulado *Proteger o ambiente*.

Mesmo fora do capítulo que é dedicado ao ambiente, quando o documento aborda a globalização, o último aspeto que salienta é a necessidade de existir uma solidariedade entre as gerações. Estas deveriam passar por não descarregar os custos atuais nas próximas gerações. Chega ao ponto de afirmar que tal é moralmente ilícito, pois implica uma fuga às responsabilidades e, além de ser ilícito, é economicamente contraproducente, pois fica mais custoso corrigir um dano do que evitá-lo. Este princípio também é aplicado aos recursos terrestres e à salvaguarda da Criação, considerando o planeta como um único ecossistema.¹⁶⁵

Estes pontos são da maior importância, pois demonstram que os cristãos (e os seres humanos de boa vontade) devem pensar a longo prazo, pensando não só nas consequências imediatas, mas também naquelas que só se verificam a longo prazo, como por exemplo: o aquecimento global. O ser humano não é somente responsável pelo que acontece no imediato, mas também tem de pensar no bem das gerações futuras.¹⁶⁶

É de louvar que o documento considere o desenvolvimento científico como algo positivo, mas é necessário que este esteja orientado para o bem, individual e também coletivo (refere o princípio do destino universal dos bens),¹⁶⁷ não só no imediato mas também a longo prazo, para o ser humano e para os restantes seres vivos.¹⁶⁸

É necessário que se adotem novos estilos de vida que privilegiem o valor da solidariedade universal e que respeitem a Criação.¹⁶⁹

O princípio da precaução,¹⁷⁰ ou seja, o cuidado que se deve tomar quando não se tem a certeza dos riscos que comporta uma dada atitude, deve ser levado a sério.

¹⁶³ Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Evangelium vitae*, 25 de março de 1995 42 in AAS 87 (1995) 447.

¹⁶⁴ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Cascais, 2005.

¹⁶⁵ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da ...*, *op. cit.*, 367.

¹⁶⁶ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da ...*, *op. cit.*, 467.

¹⁶⁷ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da ...*, *op. cit.*, 481-485.

¹⁶⁸ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da ...*, *op. cit.*, 458-459.

¹⁶⁹ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da ...*, *op. cit.*, 486.

A Criação também aguarda a libertação da corrupção e a plena revelação dos filhos de Deus (Rm 8,19.21). De certa forma, este mundo também aguarda a manifestação plena da glória de Cristo. É para Deus que devemos olhar quando nos relacionamos com as coisas por Ele criadas e a nós entregues.

Os Bispos portugueses num documento que dedicaram à pastoral juvenil, em 2002, salientaram alguns pontos importantes na formação pessoal dos jovens. Dentre estes destacam-se o dever ecológico e referem também nos aspetos da vida diária o uso dos bens.¹⁷¹ Estes dois pontos são aspetos a tomar em consideração numa postura ecológica.

Numa outra ocasião, os Bispos portugueses reafirmaram a importância de se “estimular os valores estéticos”¹⁷². Este é um ponto que será por mim desenvolvido nas aulas, pois considero que só um espírito contemplativo nos pode conduzir mais facilmente a um olhar mais pacífico com a Criação, deixando de lado a posse e o domínio.

É importante que embora o contacto de um professor estagiário com os alunos seja muito reduzido, que ele não se esqueça da importância do exemplo. De facto, os alunos aprendem mais pelo que observam do que pelo que ouvem. Os Bispos destacam ainda a importância do exemplo de outros membros da comunidade educativa, como sejam os auxiliares de ação educativa que através do seu exemplo, podem educar os alunos.¹⁷³

Olhemos para uma figura da Igreja atual que é o Papa Francisco. Ele comentou que escolheu o nome de Francisco em homenagem a S. Francisco de Assis, segundo o que se disse, na altura, com uma preocupação especial pelos pobres. No entanto, é de salientar que São Francisco de Assis também é o padroeiro daqueles que se dedicam à causa ecológica. Aliás, os problemas ecológicos são normalmente mais graves para as classes mais desfavorecidas que não possuem as facilidades que o dinheiro pode trazer.

Na audiência geral, do dia 5 de junho de 2013,¹⁷⁴ o Papa abordou a celebração do Dia Mundial do Ambiente, lembrando a passagem do livro do Génesis em que Deus coloca o ser humano para que cultivem e guardem o jardim (Gn 2,15). Esta indicação, segundo o Papa, é válida também hoje para nós. Nós devemos cuidar e transformar esta terra num jardim e não o fazemos. Muitas vezes somos levados a explorar a Criação, instrumentalizámo-la, não a

¹⁷⁰ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da ...*, op. cit., 469.

¹⁷¹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Bases para a pastoral juvenil*, Fátima, 2002, 13.

¹⁷² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral Educação, direito...*, op. cit., 9.

¹⁷³ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral Educação, direito...*, op. cit., 19.

¹⁷⁴ Cf. w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale.html (consultado em 30/10/2014).

contemplamos, não a escutamos e esquecemos o seu Criador e os pobres, nossos irmãos, na utilização que fazemos dos bens da Criação.¹⁷⁵

O Papa Francisco também enviou uma mensagem ao ministro do Meio Ambiente do Perú, a propósito da Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, que decorreu nesse país. Nesse texto, o Papa Francisco fez referência, ao que será debatido: “afeta a toda la humanidad, en particular a los más pobres y a las generaciones futuras”¹⁷⁶. Deixa um aviso que, é pertinente e que deve ser tomado a sério: “El tiempo para encontrar soluciones globales se está agotando. Solamente podremos hallar soluciones adecuadas si actuamos juntos y concordes. Existe, por tanto, un claro, definitivo e impostergable imperativo ético de actuar”¹⁷⁷.

O Papa Francisco publicou no dia 24 de Maio de 2015 a encíclica *Laudato Si'*. Esta constitui o mais abrangente documento da Igreja dedicado essencialmente à questão ecológica. Constituirá um ponto de referência futuro para o aprofundamento da problemática ecológica, no âmbito da Igreja católica. Um dos pontos que sobressai da sua leitura¹⁷⁸ é precisamente que o Papa não a tenha dirigido unicamente aos católicos, mas a cada pessoa que habita neste planeta.¹⁷⁹ É relevante também que entre os autores citados pelo Papa Francisco se encontre o patriarca Bartolomeu I¹⁸⁰ e que se encontrem no documento duas orações, uma para todos os que acreditam em Deus onipotente e outra específica para os cristãos. De facto, os problemas ambientais não são específicos dos católicos ou dos cristãos, mas afetam toda a humanidade no seu conjunto e todos precisamos de colaborar para os resolver.

Alguns dos pontos essenciais desta encíclica são enumerados no nº 16, como sejam: “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está intimamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras formas de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida.”(LS 16).

¹⁷⁵ Cf. w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale.html (consultado em 30/10/2014).

¹⁷⁶ http://w2.vatican.va/content/francesco/es/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141127_messaggio-lima-cop20.html (consultado em 05/2/2014).

¹⁷⁷ http://w2.vatican.va/content/francesco/es/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141127_messaggio-lima-cop20.html (consultado em 05/2/2014).

¹⁷⁸ Considero essencial este documento para quem quiser saber o que a Igreja Católica pensa sobre o tema da ecologia.

¹⁷⁹ Cf. LS 3.

¹⁸⁰ Cf. LS 7-9.

De facto, na encíclica, o cuidado pelos pobres e o cuidado da natureza estão relacionados, não só porque um deve implicar o outro, mas também porque são os pobres, porque têm menos meios para se defender, quem mais sofre com os desmandos dos seres humanos (LS 15). Ambos, de certa forma, são frágeis e necessitam de proteção. Muitas vezes o ser humano utiliza a criação de forma egoísta, realizando atividades que a destroem e consumindo em excesso. O ser humano tem que se consciencializar de que não é somente porque algo é tecnicamente ou cientificamente possível que é desejável, que é bom ou que é ético realizá-lo.

É necessário voltar a propor aos jovens o valor da sobriedade, apesar de este ser ou ir contra a cultura dominante.¹⁸¹ É difícil abordar um documento tão profundo, mas considero importante que a encíclica aborde, não só os problemas ambientais atualmente existentes, mas também a necessidade de nos convertermos. Não é só porque algo é possível e rentável que significa que seja bom. Devemos entrar numa lógica de contemplação e não de posse ou consumo. Outro ponto que destaco é a chamada ecologia integral, colocando o ser humano e o seu trabalho no centro, mas incluindo aí os pobres, os deserdados, os que vivem nas periferias humanas. Esta atenção do Papa ao ser humano, aos seus problemas e dificuldades é algo a ser salientado, dada a relação que tem com os problemas ambientais. Acentuando tudo isto com o valor de um diálogo que seja capaz de articular o mundo todo. Todos necessitamos uns dos outros e todos estamos relacionados. Então devemos trabalhar em conjunto para atingirmos os mesmos objetivos.

6. Alguns testemunhos cristãos

Opto por referir neste trabalho uma referência a alguns personagens marcantes na história do Cristianismo e que ainda hoje influenciam a vida de inúmeros cristãos que os tomam como modelos.

Antes de mais, vou falar numa classe de pessoas que atualmente é praticamente inexistente, que são os eremitas. Associa-se ao conceito de eremita alguém que vive no meio da natureza em condições precárias, apesar de, atualmente, alguns viverem em meios urbanos. A partir de um trabalho de pesquisa que foi realizado sobre eles, em França, chegou-se à conclusão de que o que teve maior importância na sua decisão foi o fator Deus. Foi por causa de Deus que eles deixaram a comodidade da sua vida, para se dedicarem a Ele em exclusivo. A natureza tem um papel secundário, embora, muitas vezes, adotem vidas que poderíamos

¹⁸¹ Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 27.

chamar de ecológicas. Privilegiam o aspeto religioso da sua vocação e admitem orar a partir da natureza criada.¹⁸²

Vou nomear um santo, normalmente não associado à temática ecológica ou ambientalista: Santo Inácio de Loiola. Ele publicou um livro chamado: *Exercícios Espirituais*. Neste, o autor pretende que os exercitantes (é mais para ser praticado do que lido) exercitem o espírito para se vencerem a si mesmos e ordenarem a sua vida. Mas o ponto que me leva a mencioná-lo é o chamado Princípio e Fundamento, porque é a base e por onde se começam os exercícios. “O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado”¹⁸³.

É verdade que este texto não aborda a ecologia ou o ambientalismo, mas propõe uma determinada mentalidade que considero válida. Os problemas ecológicos da atualidade derivam de uma má relação do ser humano com o universo criado e, por colocar, muitas vezes, as criaturas no local do Criador. Se o ser humano se entender como um peregrino em busca da sua pátria definitiva que é o Céu,¹⁸⁴ tomará atitudes diversas das que tem tomado na sua relação com os irmãos e com o usufruto dos bens materiais. Este ponto a ser vivido, levará a uma maior frugalidade e diminuirá o consumismo excessivo que caracteriza a nossa sociedade.

No livro dos *Exercícios Espirituais*, já no final, Santo Inácio propõe uma outra oração denominada “Contemplação para alcançar amor” em que, partindo das criaturas, se propõe ver Deus presente nelas, alargando a meditação para englobar também o ser humano¹⁸⁵. Ver Deus presente e atuante nas obras da natureza, é o que muitos cristãos que se dedicam à causa ambientalista ou não, ainda propõem nos dias de hoje. Mesmo alguns não cristãos e que, por isso possuem um diferente conceito de divindade, dizem experimentar algo de divino, de transcendental, no contacto com a natureza.

São Bernardo de Claraval, que, embora não seja o fundador, muito ajudou na divulgação da reforma cisterciense também segue a mesma orientação. Ele escreveu a Heri Murdach: “acredita na minha experiência, tu encontrarás mais coisas no meio dos bosques

¹⁸² Cf. Yves-Marie ABRAHAM, *De la vraie nature de l'ermite*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion et Ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993, 151-166.

¹⁸³ INÁCIO DE LOIOLA, *Exercícios Espirituais*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1999³ (trad. do original de 1541), 29.

¹⁸⁴ Cf. A DIOGNÈTE, *Sources Chrétiennes*, 33 bis, Les Éditions du Cerf, Paris, 1997, V, 5.9

¹⁸⁵ INÁCIO DE LOIOLA, *Exercícios Espirituais*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1999³ (trad. do original de 1541), 122.

que nos livros. As árvores e as rochas te ensinarão o que não podes aprender de nenhum mestre.”¹⁸⁶.

Santo Agostinho também refere a beleza da Criação enquanto dom, manifestação de Deus, seu Criador.¹⁸⁷

São João da Cruz viveu entre 1542-1591 e foi um dos responsáveis pela reforma da ordem dos Carmelitas. Foi proclamado Doutor da Igreja por Pio XI, em 1926. É conhecido pelas suas doutrinas espirituais e místicas. Ele escreveu um texto chamado *Cântico Espiritual* que tem como subtítulo: *Canções entre a Alma e o Esposo*, do qual transcrevo a seguinte passagem:

“Pergunta às criaturas

4- Ó bosques e espessuras
Plantados pela mão do meu Amado,
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me se por vós terá passado?

Resposta das criaturas

5- Mil graças derramando
Prestes passou dos sotos p’la espessura
E enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
Vestidos os deixou de formosura.”¹⁸⁸.

O autor, contemplando o universo, afirma-o como tendo sido criado por Deus, estando por isso cheio de uma beleza que tem a sua origem última em Deus. “As criaturas são como que um rastro do passo de Deus, pela qual se rastreia a grandeza, o poder, a sabedoria e outras virtudes divinas”.¹⁸⁹ Estas mesmas criaturas são como que vestidas de formosura e dignidade pela encarnação e ressurreição de Jesus,¹⁹⁰ numa passagem em que lembra a importância de

¹⁸⁶ BERNARD DE CLAIRVAUX, *Lettres. Tome 3. Lettres 92-163*, Sources Chrétiennes 556, Les Editions du Cerf, Paris, 2012, Letre 106, 2.

¹⁸⁷ Cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *Confessions*, X, 6,9, in *PL* 32, 782.

¹⁸⁸ JOÃO DA CRUZ, *Cântico Espiritual* in *Obras completas*, Edições Carmelo, Fátima, 1986⁵, 564-565 (trad. do original de 1584).

¹⁸⁹ JOÃO DA CRUZ, *Cântico...*, *op. cit.*, 604.

¹⁹⁰ Cf. JOÃO DA CRUZ, *Cântico...*, *op. cit.*, 605.

Cristo que se estende também a todo o Universo, como a carta aos Colossenses já aludia (1, 18-20).

O outro Santo que pretendo abordar é precisamente São Francisco de Assis, que foi proclamado pelo Papa São João Paulo II, como padroeiro da ecologia, em 1979.¹⁹¹ Nas razões para tal ato, destaca-se o apreço que São Francisco de Assis tinha pela natureza como dom de Deus. O Papa também refere, na Bula em que proclamou São Francisco de Assis, o belíssimo “Cântico das Criaturas” em que São Francisco louva o Senhor pelas criaturas que criou.

Segundo Luís de Oliveira,¹⁹² este magnífico cântico foi escrito quando São Francisco sofria terrivelmente dos olhos. Não surgiu de um entusiasmo momentâneo, mas quando o autor passava por terríveis sofrimentos, em que possivelmente até um simples raio de sol seria incómodo. Outro aspeto que se destaca é o termo *irmão* que ele chama às criaturas que nomeia, até mesmo à *morte*! Este olhar reconciliado com o mundo, não obstante o sofrimento por que passava, pode-nos elucidar sobre o caminho a seguir, se queremos viver nesta terra com qualidade. Olharmos não só os seres humanos como irmãos, mas também as outras criaturas como *irmãs*, porque criadas pelo mesmo Deus que nos criou.

Também é importante destacar a importância que S. Francisco atribuía à pobreza, à simplicidade. Nós que vivemos num mundo caracterizado pelo consumismo e pelos desperdícios precisamos de reaprender o valor da sobriedade.

Passemos a palavra ao próprio S. Francisco de Assis no Cântico das Criaturas:

“Altíssimo, onnipotente, bom Senhor, a ti o louvor, a glória e toda a bênção.

A ti só, Altíssimo, se hão-de prestar e nenhum homem é digno de te nomear.

Louvido sejas meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor irmão sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia.

E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas: no céu as acendeste, claras, e preciosas, e belas.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar, e nuvens, e sereno, e todo o tempo, por quem dás às tuas criaturas o sustento.

¹⁹¹ Cf. JOÃO PAULO II, Bula “*Inter Sanctos*”, 29 de Novembro de 1979 in AAS 71 (1979), 1509-1510.

¹⁹² Cf. LUÍS DE OLIVEIRA, “Um olhar o Mundo com o Cântico das Criaturas” in *Bíblica Série Científica*, XI (2002) 146.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil, e humilde, e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite, e ele é belo, e jucundo, e robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras.

Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar.

Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados aqueles que cumpriram a tua santíssima vontade, porque a segunda morte não lhes fará mal.

Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.”¹⁹³

O Papa Francisco escolheu como título da sua encíclica sobre o ambiente precisamente *Laudato Si'*, ou seja *Louvado sejas*, retirado do Cântico acima transcrito.

Não é por acaso que finalizo esta secção do trabalho com a transcrição da obra acima mencionada. É simplesmente para afirmar que a ecologia e o ambientalismo não devem ficar por meras palavras, mas devem traduzir-se em obras concretas e numa visão renovada do mundo que acho que é magistralmente expressa no Cântico das Criaturas. Precisamos de um olhar contemplativo (LS 12) que nos conduza a deixar a lógica do consumismo, da exploração da natureza como instrumento para satisfazer as nossas vontades (LS 11).

Deve-se atualizar esta perspectiva, pois embora o ser humano seja criado à imagem e semelhança de Deus, pode-se falar numa relação apropriada com o mundo criado. Devemos respeitar este mundo, porque Deus assim o quis.

Não defendo aqui um imobilismo ou uma crítica aos avanços científico-tecnológicos, mas o reconhecimento de que não nos foi dado o direito de agir, sem pensar nas consequências dos nossos atos, alargando esta consideração não só ao bem das gerações futuras, mas para a totalidade da vida no planeta.

¹⁹³ Foi seguida a tradução portuguesa que pode ser lida em FRANCISCO DE ASSIS, *Cântico das Criaturas* in *Fontes Franciscanas I, São Francisco de Assis*, Editorial Franciscana, Braga, 1994², 77-78; também se pode citar FRANCISCO DE ASSIS, *Canticum fratris solis vel laudes creaturarum*, Sources Chrétiennes, 285, Les Éditions du Cerf, Paris, 1981, 343-345.

Ao ser humano foi entregue a guarda de um “jardim”; jardim este que constitui o nosso planeta. Os seres vivos que cá habitam conosco, são, peço desculpa pela comparação, nossos parentes. É comum ouvir-se dizer que os macacos são nossos parentes, mas pegando na teoria darwinista e neodarwinista podemos referir que todos os seres vivos são parentes uns dos outros, que evoluíram a partir de um antepassado comum. Mas, mesmo que esta teoria se encontrasse errada, acho que devemos reconhecer um “direito relativo” dos outros seres vivos à existência. Não é só uma questão de guarda do jardim, mas também de não destruição de um jardim que, em última análise, não nos pertence, mas sim a Deus.

Todas as criaturas vivas deste planeta são nossas irmãs, porque descendemos de um tronco comum. Se a ciência é capaz de reconhecer este facto, porque será que o esquecemos na nossa vida diária e não só na relação com os outros seres humanos? Não advogo aqui a igualdade de todos os seres vivos ou nego a especial dignidade do ser humano, mas pretendo salientar que devemos olhar para os outros seres vivos como uma espécie de “irmãos”, porque foram criados e, por isso, amados pelo mesmo Deus que nos amou e nos criou. O ser humano destrói a terra que é mãe e irmã, é importante repararmos nos vocábulos de origem familiar que são usados para designar as coisas criadas.¹⁹⁴

É verdade que a palavra irmão é uma palavra complicada. Não convém esquecer o que a Bíblia nos diz acerca do primeiro conjunto de irmãos (Caim e Abel) e, agora, o pecado também se faz presente, não só como assassino direto do irmão, mas também de outras criaturas vivas, negando-lhes o direito a continuarem a existir.

Que o ser humano possa estar em paz com Deus e com a própria terra.¹⁹⁵ É esse o objetivo da terceira parte deste trabalho, a aplicação prática da unidade letiva Ecologia e Valores do programa de Educação Moral e Religiosa Católica, numa turma concreta de uma escola deste nosso país. Que não se continue a afirmar que os novos movimentos religiosos possuem uma maior sensibilidade ecológica que os católicos,¹⁹⁶ é o que desejo.

Reconheço, no entanto, que há pontos que só serão resolvidos em definitivo, quando Cristo vier na sua glória e que, nesta altura, a Criação geme e sofre as dores de parto em conjunto conosco (Rm 8,22-23). Este ponto não nos deve fazer desanimar, mas precisamente dar-nos esperança para agir.

¹⁹⁴ Cf. FRANCISCO, LS 1-2.

¹⁹⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem...*, *op. cit.*, 5 in ..., *op. cit.*, 150.

¹⁹⁶ Cf. James BECKFORD, *Conclusion: Écologie et religion dans les sociétés industrielles avancées*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion et Écologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993, 151-166.

CAPÍTULO III – DISPOSITIVO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “ECOLOGIA E VALORES” DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Para um docente é essencial não só possuir conhecimentos científicos sobre determinado tema, mas também saber transmitir esses conhecimentos ou competências de forma adequada ao nível etário dos alunos e às suas características concretas. Para tal, é necessário saber a quem nos dirigimos, para assim conseguir conjugar os objetivos do programa com os alunos concretos. A reflexão sobre o programa, assim como a sua articulação com as características da turma, será o objetivo desta parte do relatório que aborda assim, mais especificamente, a prática de ensino supervisionada que decorreu no Agrupamento de Escolas André Soares.

1. Caracterização do Agrupamento de Escolas André Soares

Este agrupamento situa-se no centro da cidade de Braga, tendo 2º e 3º ciclo na escola sede e, estando agregados a ele, algumas escolas básicas de primeiro ciclo (EB1) ¹⁹⁷ e jardins de infância, nomeadamente a EB1 do Carandá, a EB1 com Jardim de Infância do Fujacal, de Ponte Pedrinha e de São Lázaro. É de salientar que, esta inserção no centro da cidade de Braga, leva a que os alunos sejam provenientes de meios citadinos, mas não em exclusivo, pois, atualmente, os pais ou encarregados de educação podem escolher (embora condicionados por certos limites) a escola que pretendem que os seus filhos ou educandos frequentem.

No decurso do estágio não existiram contactos com as outras escolas básicas existentes, pertencentes ao mesmo agrupamento.

Este agrupamento tem como nome uma personagem do século XVIII, um arquiteto que deixou obras de vulto na cidade de Braga e arredores, nomeadamente, nalgumas capelas do Santuário do Bom Jesus do Monte.¹⁹⁸ Esta referência a um vulto importante para a região é algo de comum em muitas escolas que recebem o nome de uma figura pública que assim querem honrar. Neste caso, resolvi destacar, pois, é de alguém que, tendo trabalhado em obras arquitetónicas religiosas, demonstra alguma abertura da escola para o fenómeno religioso,

¹⁹⁷ Antigamente estas escolas recebiam o nome de escolas primárias.

¹⁹⁸ Cf. <http://www.eb23andresoares.com/n/index.php/site-map/articles> consultado em 19/01/2015.

nomeadamente para o catolicismo. Num documento deste agrupamento,¹⁹⁹ no seu plano educativo, é salientado em termos históricos a importância do cristianismo e do catolicismo para a cidade de Braga, nomeadamente pelas referências a locais de culto ou à importância histórica do arcebispo de Braga.

Opto por incluir aqui uma referência ao facto de ser uma escola que foi completamente renovada e em que as obras de requalificação já terminaram, possuindo excelentes condições para a prática do ensino/aprendizagem.

Depois de uma introdução ao meio escolar em que a turma se insere vou proceder a uma descrição de algumas características da turma em que decorreram as aulas.

2. Caracterização da turma

Não me foi facultado acesso à caracterização que os diretores de turma costumam fazer das suas turmas e que entregam aos professores que lá lecionam. Como tal, esta caracterização parte mais das características que, ao longo do tempo, pude apreender da estrutura e do modo de funcionamento da mesma.

A turma onde decorreram as aulas era uma turma do 8.º ano, possuindo em média 13 ou 14 anos. Esta é uma idade em que os alunos se encontram em plena adolescência, com o que isso implica de afirmação da sua própria personalidade. Este facto pode levar a alguns conflitos, especialmente com figuras de autoridade como é o professor. A caracterização que me foi feita, oralmente, pela professora cooperante, indicava como características especiais os alunos serem vivos e faladores, opinião que, após ter lecionado, corroboro. Também referiu a pouca adesão/informação dos alunos sobre o catolicismo. Não existiam, pelo menos que eu o tenha sabido, alunos de outras confissões religiosas ou sem religião.

A turma era constituída por 23 alunos, 10 do sexo feminino e 13 do sexo masculino. O facto de ter maior proporção de alunos do sexo masculino pode ser relevante, não só devido às diferentes características psicológicas e comportamentais normalmente associadas aos rapazes, mas também porque o sexo masculino costuma ter uma pior relação com a Igreja do que o sexo feminino. Este facto poderá questionar o docente de que, embora os alunos se tenham inscrito em Educação Moral e Religiosa Católica, poderão, apesar disso, estar afastados da Igreja Católica.²⁰⁰

¹⁹⁹ Cf. http://www.eb23andresoares.com/n/images/AEAS/Pdfs/PEA_v1.pdf consultado em 19/01/2015.

²⁰⁰ Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, *op. cit.*, 134.180.

Tinha um aluno com hiperatividade diagnosticada, mas, talvez por estar medicado, não se notava comportamento diferente face aos demais alunos.

No geral era uma turma pouco trabalhadora. O horário, em que lhes lecionei, também não era o mais adequado, pois era ao início da tarde, após o almoço, poderia ser que num outro horário o seu comportamento fosse diferente. Destaco também que existia uma elevada percentagem de alunos inscritos na disciplina.

3. Breve reflexão sobre o novo programa

O novo programa de Educação Moral e Religiosa Católica não procedeu a uma mera alteração de nomenclatura, mas inclui uma alteração de competências para metas e inclui também alterações nos próprios conteúdos previstos, nomeadamente no que à unidade “Ecologia e Valores” diz respeito. O termo *competência* designa uma capacidade que se pretende que os alunos adquiram, algo que eles no final da lecionação sejam capazes de fazer.²⁰¹ O termo *meta* tem um significado semelhante, pretendendo designar os “objetivos” essenciais do ensino em cada ano ou ciclo de escolaridade, estando discriminados por disciplinas.²⁰²

É de referir que esta unidade letiva não sofreu alterações significativas com o novo programa, não foi alterado o ano de escolaridade previsto, como sucedeu, por exemplo, com a unidade letiva “A família, comunidade de amor” que transitou do 6º ano,²⁰³ para o 5º ano.²⁰⁴ Neste ciclo de ensino, por oposição ao que sucedeu no 2º Ciclo, não existiram unidades letivas eliminadas. Houve unicamente a junção da unidade letiva “As religiões abraâmicas” do 7º ano de escolaridade, com a unidade letiva “As religiões orientais”²⁰⁵ do 9º ano de escolaridade, numa unidade letiva a ser lecionada no 7º ano de escolaridade e que recebeu como nome “As religiões”²⁰⁶.

A nível de conteúdos foram acrescentados os seguintes pontos:

- “A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece;
- O reconhecimento da natureza como local permeado pela presença de Deus;

²⁰¹ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007, 31-32.

²⁰² Cf. <http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1#metas> (consultado em 13/01/2015).

²⁰³ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2007, 88-89.

²⁰⁴ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014, 58-59.

²⁰⁵ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2007, 95.

²⁰⁶ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 12.

- A natureza como local onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus.”²⁰⁷.

A linguagem do seguinte ponto “O que fazer? Como criar condições de habitabilidade no mundo?”²⁰⁸ foi alterada, ficando: “Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo”²⁰⁹.

Desapareceram da lista de conteúdos os seguintes pontos:

- “A natureza como um bem coletivo exige respeito de cada um para manutenção do que é de todos.
- Textos selecionados de tradições religiosas não cristãs sobre a valorização da natureza pela sua relação com a divindade.”²¹⁰.

Da análise destes textos, destaca-se que se pretende salientar, no novo programa, uma atitude agradecida pelas bênçãos de Deus que se podem encontrar na sua obra criadora.

Os pontos, que desapareceram, apontavam para o cuidado coletivo e para textos de outras religiões. Embora cada dia, a sociedade seja mais heterogénea e, por isso, seja necessário lidar com mais pessoas de religiões diferentes, também é cada vez mais descristianizada. Como tal, o conhecimento da fé cristã é cada vez menor, não sendo, por isso, de desprezar esta nova centralidade que é dada à fé católica, o que vem de encontro ao nome que a própria disciplina possui.

É de referir que, a nível de conteúdos, continua a fazer-se alusão a diferentes tradições religiosas,²¹¹ o que significa que um professor que o pretenda poderá abordar e aprofundar este tema, dependendo das características gerais da turma à qual vai lecionar, tanto mais que continua a ser referido nas metas previstas nesta unidade letiva.²¹²

Após esta abordagem geral, introduzida pelas mudanças em termos de programa, vai ser analisada brevemente a unidade letiva “Ecologia e Valores”, destacando as suas características principais.

²⁰⁷ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 93.

²⁰⁸ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2007, 113.

²⁰⁹ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 93.

²¹⁰ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2007, 113.

²¹¹ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 93.

²¹² Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 92.

4. Descrição geral da unidade letiva

A unidade letiva “Ecologia e Valores” encontra-se inserida no 8º ano de escolaridade e possui como metas: “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; identificar o núcleo central das várias tradições religiosas; descobrir a simbólica cristã; amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”²¹³.

Os objetivos são: “reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus; interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza; conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus; reconhecer o contributo do Cristianismo no cuidado da natureza”²¹⁴.

Destaca-se igualmente o elevado número de *conteúdos* previstos. Considero que dificilmente serão todos abordados. Isto pode não ser negativo, desde que se atinjam os *objetivos* propostos para a unidade letiva em questão. As *metas* constituem uma espécie de *objetivos* a mais longo prazo que dependem para a sua consecução de todo o processo de ensino-aprendizagem ao longo dos vários anos de escolaridade.²¹⁵

Esta unidade letiva foi planificada para cinco aulas. Este número de aulas não surgiu devido à especificidade da unidade letiva, nem às características da turma, mas teve em conta os condicionalismos do estágio, de modo que todos os elementos do grupo de estágio ficassem com o mesmo número de aulas assistidas.

Acho que é relevante colocar aqui referência a um documento que o Concílio Vaticano II dirigia aos Bispos, mas que considero que neste ponto também se poderia dirigir aos professores de Educação Moral e Religiosa Católica: “Expliquem a doutrina cristã com métodos apropriados às necessidades dos tempos, isto é, que respondam às dificuldades e problemas que mais preocupam e angustiam os homens”²¹⁶. De facto, é importante que o programa seja cumprido e que os objetivos delineados venham a ser atingidos, mas também é importante que o docente responda às preocupações e anseios dos alunos concretos que estão à sua frente.

É claro que só com tempo se consegue ficar a conhecer uma turma e perceber quais são as suas principais características e problemas. De início, o docente pode fazer uma ideia de como ela será, mas é um preconceito²¹⁷, ou seja, um conceito formado antes de conhecer a

²¹³ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 92.

²¹⁴ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 92.

²¹⁵ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de...*, *op. cit.*, 2014, 9.

²¹⁶ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto Christus dominus*, 28 de Outubro de 1965, 13 in AAS 58 (1966), 678.

²¹⁷ J. Almeida COSTA, A. Sampaio e MELO, *Preconceito*, in *Dicionário da Língua Portuguesa*, Dicionários Editora, Porto, 1979⁵, 1139.

realidade, só o tempo de lecionação permitirá ao docente conhecer melhor esta realidade concreta, que pode ser muito diferente da turma que está na sala ao lado e que se encontra a frequentar o mesmo ano. É da articulação destes três aspetos: programa, necessidades e características reais da turma, que o docente deve planificar a sua aula.

5. Descrição da unidade letiva aula a aula

Neste relatório vai-se fazer uma descrição e avaliação da unidade letiva aula a aula. As planificações foram realizadas, tendo em conta o conhecimento que possuía, na altura, da turma concreta à qual a planificação se dirigia.

➤ Planificação da primeira aula da unidade letiva

Nesta primeira aula considerei relevante colocar na planificação uma apresentação minha aos alunos, dado que ia ser a primeira vez que lhes ia lecionar e ainda não tínhamos sido apresentados.

Optei pelo sumário ser escrito no quadro por um aluno ou aluna pois assim não seria obrigado a ficar de costas e podia melhor controlar a turma com o olhar.

Como ia ficar pouco tempo a lecionar-lhes e para melhor associar o nome deles à pessoa, pensei em entregar-lhes um papel com a sua identificação, para eles colocarem na sua carteira, para os poder chamar pelo nome. Isto seria realizado em conjunto com a chamada dos alunos, no início da aula.

Depois desta parte inicial, entrar-se-á no tema mais específico da aula, fazendo uma introdução ao tema da ecologia. Para isso, o docente refletirá em conjunto com os alunos sobre as diferenças entre *ocupar* e *habitar*. Pretende-se que os alunos percebam que nós habitamos neste mundo, que ele é a “nossa casa”²¹⁸, que não o ocupamos simplesmente. Passar-se-á em seguida, para a definição de ecologia que será explorada em diálogo com os alunos. Para explorar na prática este conceito, será mostrada uma apresentação em *PowerPoint*, com o exemplo do melro e das múltiplas relações que estabelece com outros organismos e com o ser humano.

Seguir-se-á uma leitura de um pequeno texto bíblico de um salmo (8, 4-9), que poderá ser antecedida de uma pequena explicação do que é a Bíblia e do que ela significa para os

²¹⁸ Expressão usada pelo Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'*, para designar este planeta em que habitamos. (LS 21).

cristãos, caso se julgue necessário e dependendo da dinâmica da aula. Este breve trecho será refletido em conjunto com os alunos.

No final da aula será realizada e corrigida uma ficha de trabalho sobre um texto bíblico do livro do Génesis referente à Criação.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores
Aula n.º 1/5

Ano:8º Turma: G
Data: 20/01/2015
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa	
Acolhimento e Sumário		Acolhimento e Sumário		Acolhimento e Sumário		Acolhimento e Sumário	
SUMÁRIO: A Criação como Dom de Deus		Acolhimento e Sumário		Acolhimento e Sumário		Acolhimento e Sumário	
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Reconhecer a dignidade humana e a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.	O mundo é a nossa casa.	Reflexão sobre os conceitos de ocupar e habitar.	Quadro	4	Participação organizada dos alunos.	
		A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos: dádiva de Deus para todas as pessoas. Tudo na natureza está interligado: a relação dos seres vivos entre si e a relação do ser humano com os outros seres vivos.	Questionar os alunos sobre o significado da palavra Ecologia. Explicitar. Apresentar o exemplo do melro e das múltiplas relações que estabelece com o ser humano e com outros seres vivos (relvados minhocas e grilos, hera, gato). ²¹⁹ Generalizar. Se necessário fazer uma breve introdução à Bíblia. Leitura a partir da Bíblia Sl 8,4-9. Reflexão em diálogo com os	Quadro	4		
		O ser humano é o cume de toda a natureza: é a obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de		Computador Projetor Colunas	10		
				Bíblia	10		

²¹⁹ Anexo, recurso 1.

		<p>todas as outras realidades. A natureza existe em função da felicidade do ser humano mas tem também autonomia específica em relação ao ser humano que deriva de ter sido criada por Deus e por Ele amada.</p>	<p>alunos. Realização de uma ficha de trabalho sobre um texto bíblico referente à Criação.²²⁰ Correção da Ficha de Trabalho.²²¹</p>	Ficha de trabalho nº 1	9	<p>Empenho na resolução da ficha de trabalho.</p>
--	--	---	---	------------------------	---	---

²²⁰ Anexo, recurso 2.

²²¹ Anexo, recurso 3.

➤ Descrição e avaliação da primeira aula da unidade letiva

Dei início à aula, pedindo a uma aluna para escrever o sumário no quadro, enquanto se esperava pelos restantes colegas. Como existiram alguns que chegaram alguns minutos atrasados, fui aproveitando o tempo para fazer a chamada e entregar os papéis com a identificação ao mesmo tempo. Expliquei que, como vou ter poucas aulas com eles, esta era uma forma de os conhecer melhor. Aproveitei para referir a importância da pontualidade, dando, como exemplo, que eu próprio, se chegasse atrasado à aula como eles chegaram, já teria falta e, no final do mês, receberia menos no ordenado. Esta minha observação teve como objetivo mentalizá-los de que a vida é exigente e de que o seu trabalho, na atualidade, consiste em prepararem-se para o futuro, aprendendo algumas regras básicas, como a pontualidade. Este é, a meu ver, algo basilar para a sua futura vida profissional.

Questionei, em seguida, os alunos sobre as diferenças entre *ocupar* e *habitar*. Eles foram dando respostas acertadas e eu fui conduzindo a questão para o objetivo pretendido: que a nossa casa é onde habitamos, mas que ocupamos um lugar no autocarro. Depois reformulei a questão de forma a alargar o âmbito do que podia ser considerado a nossa casa. Os alunos foram respondendo que a nossa casa podia ser Portugal, até que chegaram ao Universo. Eu aí salientei que o único local, permanentemente, ocupado pelo ser humano é este planeta.

Escrevi então a palavra ecologia, no quadro, e questionei se alguém sabia o que significava. Eles lá foram dando as suas ideias e eu depois expliquei que resultava da junção de duas palavras eco+logia, significando o “estudo/ciência da casa”, sendo vista como: o estudo das relações dos seres vivos entre si e com o meio em que habitam. Reconheço que teria sido preferível, se eu em vez de dizer oralmente esta definição a tivesse escrito no quadro ou ditado para os alunos escreverem nos seus cadernos.

Continuei este tema com uma apresentação em *PowerPoint*, apresentando um exemplo concreto, de uma ave conhecida deles (um melro) e das múltiplas relações que estabelece com outros seres vivos e das consequências que alguns comportamentos do ser humano têm para ela. Aproveitei para referir que me aconteceu, um dia, estar triste e depois de ouvir um melro cantar, ter ficado mais alegre.

Nesta altura, houve um aluno que questionou que esta aula não era uma aula de Ciências, que a ciência não tem nada a ver com a religião. Aproveitei para esclarecer a sua dúvida, questionando-o sobre qual era o nome da disciplina. Ele respondeu que era Educação Moral e Religiosa Católica. Então eu esclareci que, se era Educação Moral, isso implicava um comportamento, uma atitude, neste caso face àquilo que se pode chamar mundo ou Criação.

Esclareci também que o meu objetivo não era propriamente que eles se comportassem de determinada maneira, mas esclarecer o motivo pelo qual a Igreja defende que os cristãos se devem comportar assim.

Depois peguei na Bíblia que tinha levado e fiz uma pequena introdução ao seu uso e ao significado do termo Bíblia, explicando que íamos ler uma passagem (Sl 8,4-9) de um livro da Bíblia, chamado *Salmos* e que consistem em orações. Aproveitei para referir que, para quem vai à missa ao domingo, eles são lidos, após a primeira leitura. Reconheço agora que talvez fosse melhor uma abordagem mais aprofundada desta passagem, podendo ter optado por a colocar num diapositivo do *PowerPoint*.

Houve um aluno que questionou o facto de a minha Bíblia ser de tamanho reduzido. Eu expliquei que era porque, quando a comprei, queria uma que fosse fácil de transportar, mas que ela continha o mesmo que uma grande, simplesmente o tamanho das letras era menor.

Em seguida, entreguei uma ficha de trabalho, tendo chegado a iniciar a sua correção com a colaboração dos alunos, que iam dizendo as respostas corretas. Pedi as fichas para ver, em casa, as suas respostas e se as tinham corrigido de acordo com o que foi dito na aula. A resposta que se encontrava mais insatisfatória era a última que era a mais complexa e que não chegou a ser completamente corrigida. Não considero isto negativo, pois permite-me pegar na correção desta ficha, na próxima aula, e salientar os aspetos que considero mais pertinentes. Na próxima aula também contextualizarei este livro da Bíblia que é o Génesis.

Fazendo uma avaliação geral, posso dizer que é positiva, considerando que o objetivo principal foi alcançado. Também considero que os alunos foram capazes de atingir os objetivos propostos. O seu comportamento também foi positivo, se excetuarmos a pontualidade de alguns. Considero que procedi adequadamente aos potenciais focos de instabilidade da sala.

➤ Planificação da segunda aula da unidade letiva

O docente entrará na sala envergando uma máscara. Não dará explicação sobre o facto (inicialmente), se se gerar agitação ou burburinho por causa disso, dirá que explicará porque a usa, daqui a um bocado, (dependendo da reação da turma poderá continuar a usá-la ou tirá-la).

Pedirá a um aluno para escrever o sumário no quadro.

Entregará os cartões com os nomes e a ficha de trabalho que recolheu, na aula anterior, a cada um dos alunos presentes. Se se verificar que os alunos foram pontuais, fará um elogio a

esse seu comportamento; caso contrário, tomará nota dos que não o foram e, se o atraso for significativo, serão de ponderar outras medidas.

Procederá então à escrita de um ponto que não foi transcrito para o caderno, na aula anterior, apesar de ter sido referido: Eco+logia – vem do grego “oikos” que significa casa e “logia” que significa “estudo de”, pedindo aos alunos que a copiem para o caderno. Em Biologia é usada como definição: ciência que estuda as relações entre os seres vivos e o meio em que vivem (poderá pedir aos alunos que também a transcrevam para o caderno).

Continuará a aula, dizendo que este mundo que habitamos é a nossa casa, que nos foi dada por Deus.

Prosseguirá, projetando a correção da ficha de trabalho e situará o livro do Génesis na Bíblia (1º livro da Bíblia) e dirá que aborda, usando uma linguagem própria, o começo daquilo que foi criado e salientando que o ser humano é muito importante na Criação, mas que, no relato, a própria Criação, já antes do ser humano existir, era classificada como boa. Dirá que esta também é importante aos olhos de Deus.

Corrigindo a questão 3 da ficha de trabalho, o docente acrescentará que o domínio não é absoluto e que nesse domínio o ser humano não deve esquecer que deve ser imagem e semelhança de Deus, embora não seja Deus nem deva pretender sê-lo. Um problema que estas afirmações podem levantar é se os alunos tiverem uma falsa imagem de Deus. Caso o docente considere relevante, poderá acrescentar que a imagem mais apropriada de Deus é a que nos foi transmitida por Jesus.

Dirá que nesta aula, como foi escrito no sumário, se abordarão os impactos negativos do ser humano no ambiente. O docente questionará os alunos sobre em que “casa” queremos viver e que “casa” queremos deixar para as pessoas que vierem depois de nós.

Dará então início à apresentação em *PowerPoint*, mostrando o 1º diapositivo, afirmando que na China, por causa da poluição atmosférica, é frequente verem-se pessoas nas ruas, usando máscaras, para se tentarem proteger da poluição atmosférica. O docente explicará que foi para os sensibilizar para este problema que hoje trouxe uma máscara para a sala de aula.

No segundo diapositivo abordará o problema da extinção de espécies. Este é um problema dramático, pois até hoje não se conseguiu fazer reviver nenhuma. É, por isso, uma perda irreparável para o planeta que fica mais pobre. Usará o exemplo de uma ave (dodó) que se extinguiu porque terá sido caçada em excesso. No entanto, o problema não ficou por aí, pois recentemente veio-se a descobrir que uma árvore, existente no mesmo local, precisava dela para as suas sementes poderem germinar (poderá explicar que as sementes possuem

uma casca muito grossa e que precisavam de passar no intestino da ave para conseguirem germinar).

No terceiro diapositivo mostrará um lince-ibérico que é uma espécie existente em Portugal e que corre risco de extinção.

No quarto diapositivo mostrará ainda um exemplo de uma árvore (teixo), que, sendo uma espécie que também corre perigo de extinção, veio a possibilitar a descoberta de um medicamento para o cancro. Referirei que a árvore é altamente tóxica. Afirmará que se a espécie se tivesse extinguido, o ser humano não teria conseguido sintetizar o medicamento que pode salvar vidas. Afirmará que nós não sabemos a utilidade que uma dada espécie pode ter, no futuro, para a humanidade.

Questionará os alunos, se eles querem viver num deserto (diapositivo seguinte – dependendo do tempo disponível, poderá informar ou não que a foto se refere a um local da Península Ibérica).

Mostrará o último diapositivo, referente a um local cheio de lixo no chão, e perguntará se querem viver num local poluído. Poderá abordar uma norma de boa educação que se deve manter nos diferentes locais em que nos encontremos, que é: conservá-los limpos.

Afirmará que o ser humano já demonstrou que é capaz de reagir, pois foi capaz de proibir uns compostos que destruíam a camada de ozono (CFC's), mas que é necessário que altere ainda mais o seu comportamento e evite problemas para nós e para as futuras gerações.

Continuando a apresentação dos problemas, mostrará excertos de um vídeo chamado *Uma verdade inconveniente*, explicando que o seu autor, Al Gore, ganhou o prémio Nobel da Paz, devido à sua dedicação à luta contra o aquecimento global. Ainda recentemente anunciou que existirão 24 horas de concertos, em todos os continentes, no dia 18 de Junho de 2015 – concerto *Live Earth*, como uma medida de sensibilização para este problema, tendo apresentado esta proposta junto com o músico Pharrell Williams. Serão visionados 3 excertos do vídeo, explicando algumas das consequências do aquecimento global, provocado pelo excesso de CO₂ na atmosfera: do minuto 15:55 ao 18:00 (caso nesta parte da aula se verifique que o tempo disponível já é reduzido, este excerto não será mostrado, sendo passado adiante e comentado só oralmente).

Serão abordados os glaciares que se descongelam. Se isso continuar a acontecer, o nível do mar subirá, provocando inundações em zonas hoje habitadas, afetando milhões de pessoas (minuto 57:54 ao 59:18). O docente, nesta altura, chamará a atenção de que, tendo a humanidade estes conhecimentos deve agir: mudando o seu comportamento evitará essas catástrofes. Afirmará que este é um problema moral. O docente mostrará então o último excerto do vídeo: *Uma verdade inconveniente* (minuto 1:11:00 ao minuto 1:16:00) em que

são abordados alguns dos motivos que levam os decisores políticos a agirem de forma incorreta.

Seguir-se-á uma ficha de trabalho respondida individualmente, mostrando um exemplo concreto existente na atualidade, em Portugal, que foi a proibição temporária da pesca da sardinha, que ainda se encontra em vigor. Este tema relaciona-se com o esgotamento dos recursos naturais em que o excesso de captura não permite a reposição das populações. Pretende-se que os alunos compreendam que quanto mais cedo se atuar, mais rápida poderá ser a recuperação.

A ficha será corrigida em diálogo com os alunos, podendo ser projetada a sua proposta de correção. Para o efeito será feito um *PowerPoint* em que cada diapositivo será referente a uma questão, permitindo assim que eles se exprimam. Dar-se-á especial relevo à questão final, nomeadamente à necessidade de se pensar a longo prazo, de pensar no bem geral e também no bem das gerações futuras e, não só, no imediato e no lucro/dinheiro. Esta última questão tem também um ponto sobre a necessidade de trabalhar para se sustentar e sustentar a família. Considerarei oportuno colocá-lo para poder reafirmar que as medidas, mesmo que custosas, podem trazer muitos benefícios para o ser humano a médio/longo prazo. O docente pode explicar que podem ser necessárias ajudas/benefícios especiais às pessoas/empresas que são limitadas na sua atividade pelos problemas ambientais e pela defesa do ambiente.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores
Aula n.º 2/5

Ano:8º Turma: G
Data: 27/01/2015
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário			Escrita do sumário no quadro pelo docente (que entrou na sala usando uma máscara). Chamada e entrega dos cartões e da ficha de trabalho nº 1. ²²²	Quadro Caderno diário Máscara	5	Pontualidade
SUMÁRIO: Efeitos negativos do ser humano no meio ambiente						
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza, recorrendo aos dados da ciência.	A destruição do ambiente vital onde todos habitamos: - tipos de atentados: o esgotamento dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global, o «buraco» na camada de ozono;	Revisão da aula anterior, em diálogo com os alunos escrevendo no quadro o significado de Ecologia, sendo copiado pelos alunos para os cadernos diários.	Quadro Caderno diário	3	Participação ativa e organizada
			Continuação da correção da ficha de trabalho da aula anterior. ²²³ Introdução ao tema da poluição atmosférica explicando o uso da máscara pelo docente.	Computador Projetor	4	Respeito pelos outros Atenção
			Visualização de exemplos de atentados ao ambiente, incluindo de um local do Minho. ²²⁴ Diálogo e reflexão em conjunto com os alunos.	Computador Projetor	8	Participação organizada
			Visualização de excertos do vídeo <i>Uma verdade inconveniente</i> , alertando para alguns impactos do aumento da temperatura e possíveis	Computador Projetor	15	

²²² Anexo, recurso 2.

²²³ Anexo, recurso 3.

²²⁴ Anexo, recurso 4.

		<p>- o mau uso dos recursos a nível individual.</p> <p>Razões que conduzem ao comportamento destrutivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o egoísmo; - o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; - a vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo; - o domínio do económico sobre a política. 	<p>motivos para o ser humano não resolver o problema.</p> <p>Realização da ficha de trabalho nº 2,²²⁵</p> <p>Correção da ficha de trabalho nº 2,²²⁶ em diálogo com os alunos (se houver tempo, caso contrário ficará para trabalho de casa e será corrigida na aula seguinte).</p>	<p>Ficha de trabalho Computador Projetor</p>	<p>10</p>	<p>Cumprimento da tarefa proposta.</p>
--	--	--	--	--	-----------	--

²²⁵ Anexo, recurso 5.

²²⁶ Anexo, recurso 6.

➤ Descrição e avaliação da segunda aula da unidade letiva

Fui mais cedo para a aula para preparar tudo para, quando os alunos chegassem, estar tudo pronto (e verificar se o material estava em condições e iria funcionar).

Como previsto, quando chegou a hora de os alunos entrarem, coloquei uma máscara na cara. Considero que esta estratégia foi positiva, pois foi um meio de os sensibilizar para os problemas ambientais e não os deixou indiferentes, tendo vários alunos questionado o motivo pelo qual a usava, tendo eu referido, como vinha na planificação, que depois explicaria.

Como aspeto negativo tenho de referir o facto de alguns alunos terem chegado novamente atrasados. Como a situação já se repetiu, os alunos foram avisados que, na próxima aula, será preciso tomar nota dos que chegarem atrasados, marcando-lhes falta, se não apresentarem justificação plausível.

Houve dois alunos que eu tinha pensado em separar por causa do comportamento na aula passada e que me pediram um voto de confiança. Eu acedi, mas como eles também chegaram atrasados e não trouxeram material, optei por voltar atrás na minha decisão e separá-los.

Foi feita a revisão da aula anterior e a correção da ficha de trabalho que decorreu de uma forma que considero positiva. No entanto, envolveu o investimento de um tempo elevado da aula.

A apresentação do *PowerPoint* decorreu como planeado. Os alunos mostraram-se interessados, colocavam questões e faziam comentários sobre o tema. A participação é que nem sempre foi a mais ordenada, os alunos faziam os comentários sem esperarem que eu lhes desse a palavra. Chamei a atenção para o facto, pois são 23 alunos e torna-se difícil de gerir, se cada um falar quando quer e não quando pede para falar.

Após a apresentação do *PowerPoint*, optei por, contrariamente ao planeado, não apresentar os excertos do vídeo, *Uma verdade inconveniente*, pois considerei que não teria tempo suficiente para os mostrar.

Entreguei então a ficha de trabalho que pedi para responderem em casa. Como os alunos protestaram, dizendo que não tinham tempo, pois tinham testes, eu referi que alguns alunos tinham chegado atrasados à aula e que queriam sair à hora, como tal, ia-lhes deixar marcado o trabalho de casa.

➤ Planificação da terceira aula da unidade letiva

O docente estagiário pedirá a um aluno que escreva o sumário no quadro. Procederá à entrega dos cartões com a identificação dos alunos.

O docente corrigirá a ficha de trabalho nº 2 que terá sido feita em casa, elogiando os alunos que a fizeram e questionando se todos a realizaram. Utilizará para o efeito um *PowerPoint*. Chamará a atenção para as motivações do comportamento destrutivo da natureza que não se coadunam com valores cristãos.

Procederá então à visualização do *PowerPoint* denominado “aula 3”. No primeiro diapositivo, o docente abordará o motivo pelo qual este assunto é tratado numa aula de Educação Moral e Religiosa Católica, lembrando o proémio da Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II *Gaudium et Spes*.²²⁷

No segundo diapositivo, recordará a importância do valor do amor a Deus (pode lembrar que esse aspeto do amor a Deus e aos irmãos foi referido como um aspeto essencial do Cristianismo, numa aula lecionada pela professora Conceição) e questionará os alunos se não é uma falta de respeito (e por isso de amor), estragar uma prenda que nos dão.

No terceiro diapositivo, abordará a importância de que no amor ao próximo se deve incluir também aqueles que vão nascer depois de nós: as gerações futuras.

No quarto diapositivo dirá que, para conservarmos este planeta em condições, todos somos necessários. O docente salientará a importância de se trabalhar em conjunto para se ser mais eficaz.

No quinto diapositivo, como exemplo, abordará a *Quercus*. Esta será privilegiada, pois, embora seja uma associação de âmbito nacional, possui um núcleo em Braga que realiza atividades variadas. Será pedido a um aluno que leia o parágrafo adaptado da página 212 do manual do oitavo ano. O docente poderá referir que o nome da *Quercus* vem dos nomes latinos dos carvalhos, sobreiros e azinheiras que são árvores fundamentais nas florestas naturais de Portugal. O principal motivo para abordar associações é de que em 1990, segundo o Eurobarómetro, um em cada dois europeus pertencia a uma associação ou organização, mas a taxa em Portugal era somente de 24%.²²⁸ Isto é algo que considero que deva ser trabalhado, pois é mais fácil atingirem-se objetivos e mudar o mundo, trabalhando em conjunto. Aliás o próprio Jesus Cristo ao enviar os apóstolos em missão, enviou-os dois a dois.²²⁹

²²⁷ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Gaudium et Spes*, 7 de Dezembro de 1965, proémio, in AAS 58 (1966), 1025-1026.

²²⁸ Cf. Eduardo DUQUE, *Os jovens e a religião...*, op. cit., 89.

²²⁹ Cf. Mc 6,7.

No sexto diapositivo, referir-se-á uma atividade desta associação num local conhecido dos alunos e ligado a uma entidade religiosa católica (na área florestada do santuário do Bom Jesus do Monte). É destacada esta atividade para mostrar a ligação que se pode estabelecer entre uma associação que de si não possui conotação religiosa, como a *Quercus* e uma entidade religiosa (Confraria do Bom Jesus do Monte).

No sétimo diapositivo, o docente abordará outras duas associações existentes em Portugal: a *FAPAS* e a *SPEA*, poderá (dependendo do tempo disponível e do interesse manifestado pelos alunos), explicar que, na imagem de cima, referente à *SPEA*, as pessoas representadas estarão a observar aves e que a *FAPAS* publicou alguns livros sobre animais e plantas, pretendendo dá-los a conhecer e a serem identificados pelo público em geral (para o efeito poderá levar um desses livros). Poderá mencionar uma outra associação como a *Greenpeace*.

O oitavo diapositivo serve de motivação para a realização da ficha de trabalho 3.

Para finalizar a aula será realizada a ficha de trabalho nº 3 referente a uma adolescente de 12 anos, Olivia Peters, que salvou uma floresta no Canadá. Optou-se por este exemplo, pois é alguém com a idade aproximada da deles, que fez a sua contribuição para um mundo melhor. Dependendo do tempo disponível, esta ficha poderá ser realizada na aula ou em casa, assim como a sua correção. Na correção da última questão, poderá ser visionado um vídeo referente à reciclagem, como sugestão de algo que eles podem fazer para construir um mundo melhor (vídeo “reciclar-salvar”). O objetivo é que os alunos percebam que podem e devem assumir “compromissos para ajudar a melhorar o curso do mundo”²³⁰.

²³⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral A escola...*, op. cit., 14 in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos...*, op. cit., 12.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores
Aula n.º 3/5

Ano:8º Turma: G
Data: 03/02/2015
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A natureza como local de encontro com Deus			Escrita do sumário no quadro por um aluno. Entrega dos cartões com os nomes dos alunos.	Quadro Caderno diário	6	Pontualidade
Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza, recorrendo aos dados da ciência.	Razões que conduzem ao comportamento destrutivo: - o egoísmo; - o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; - a vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo; - o domínio do económico sobre a política.	Correção da ficha de trabalho nº 2 ²³¹ usando um <i>PowerPoint</i> ²³² e em diálogo com os alunos.	Fichas de trabalho nº 2 realizadas pelos alunos em casa. Computador Projetor	10	Cumprimento das tarefas propostas. Participação ativa e organizada.
	Reconhecer as implicações na vida quotidiana, de uma perspectiva religiosa sobre a natureza.	A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza: usar a natureza com equilíbrio e sem arbitrariedade e egoísmo. A responsabilidade em relação às gerações vindouras.	Exploração da apresentação em <i>PowerPoint</i> em diálogo com os alunos.	Computador Projetor	15	Respeito pelos outros. Atenção. Participação ativa e organizada.

²³¹ Anexo, recurso 5.

²³² Anexo, recurso 6.

	<p>Sensibilizar para a importância de se atuar em conjunto.</p> <p>Motivar para ações concretas que podem realizar.</p>	<p>Instituições de defesa da natureza: objetivos e atuações.</p>	<p>Ficha de trabalho²³³ sobre uma história real de uma adolescente canadiana que salvou uma floresta de ser abatida. Correção da ficha de trabalho.</p> <p>Dependendo do tempo disponível a ficha de trabalho poderá ser realizada na aula ou em casa e/ou a sua correção poderá ficar para a aula seguinte.</p> <p>Se houver tempo, poderá ser mostrado o vídeo <i>Reciclar-Salvar</i> como um incentivo para medidas concretas e como possível resposta à última questão da ficha de trabalho.</p>	<p>Ficha de trabalho</p> <p>Computador Projetor</p>	<p>12</p> <p>2</p>	<p>Cumprimento das tarefas propostas.</p>
--	---	--	---	---	--------------------	---

²³³ Anexo, recurso 7.

➤ Descrição e avaliação da terceira aula da unidade letiva

O docente estagiário deu início à aula, pedindo a um aluno para escrever o sumário no quadro, a ordem do aluno foi aleatória, mas escolheu um dos que chegaram primeiro à sala de aula.

Os alunos que chegaram mais de cinco minutos atrasados (houve 3 nessa situação) e dado que já tinham sido avisados em mais do que uma ocasião e o atraso manteve-se, tomei nota deles e comuniquei à professora cooperante para ela poder marcar falta aos alunos. Não é uma atitude que seja agradável, mas talvez os leve a adotar outra postura. Também foi necessário chamar a atenção para alguns alunos para eles começarem a passar o sumário. Disse que mesmo quem não tinha trazido o caderno podia passar numa folha e depois em casa passava para o caderno.

Prossigui a aula, tendo realizado a correção da ficha de trabalho que tinha ficado para trabalho de casa. Houve alguma brincadeira da parte de alguns alunos que não quiseram passar as respostas para o caderno, alegando que não tinham trazido a ficha (tinham-se esquecido dela em casa). Eu disse para escreverem numa folha e que, depois, quando chegassem a casa, corrigiam a ficha.

Na próxima aula, tenho de optar por uma estratégia que lhes capte a atenção, que seja agradável (pois, se não o for, os alunos não aderirão) e que faça a transição recreio/aula. Nesta, eu tentei seguir uma sequência lógica em termos de conteúdos, mas não chegou para cativar todos os alunos, embora o tema seja atual (a ficha de trabalho era referente a uma notícia recente e a um problema real). Uma dificuldade que senti é a difícil articulação entre a exigência que se pretende no ensino e o carácter facultativo da disciplina, pois “se formos muito duros e rígidos corremos, provavelmente, o risco de no ano seguinte, os alunos não se inscreverem.”²³⁴

No *PowerPoint* usado para abordar o tema da proteção da natureza e do motivo pelo qual a protegemos, mencionei brevemente o Concílio Vaticano II (que reconheço que merecia que fosse mais aprofundado). Tentei recordar uma aula a que assisti na turma deles, mobilizando conhecimentos antigos. No *PowerPoint* e na exploração que fiz dele tentei estabelecer contactos com a realidade deles, quer fazendo referência a locais conhecidos como o Santuário do Bom Jesus do Monte, quer fazendo a ponte com uma ficha de trabalho com algo realizado por alguém que possui a idade deles e que é uma história real, algo que eu destaquei. Alguns alunos não quiseram ter o trabalho de ler e de pensar nas respostas, pois

²³⁴ João MENDES, “Relação Pedagógica”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013), 106.

estas eram perguntas que as respostas não eram óbvias, eram para refletir, pois era necessário justificar.

➤ Planificação da quarta aula da unidade letiva

O docente procederá à entrega dos cartões com a identificação dos alunos e das fichas que eles responderam na última aula. Se julgar oportuno, poderá fazer alguns comentários sobre elas.

O docente iniciará a aula, falando de Cristiano Ronaldo. Depois de uma conversa geral, dirá que ele possui uma casa no Gerês e pedirá a um aluno que leia um comentário que uma irmã dele fez sobre o assunto (neste caso sobre a paisagem). O objetivo desta parte é principalmente o de captar a atenção dos alunos.

Refletirá em conjunto com os alunos sobre a importância da Natureza na vida do ser humano, falando da beleza da natureza, do mar, do céu.

O docente afirmará que esta beleza, de um ponto de vista cristão, nos foi dada por Deus e que ela está permeada, impregnada pela presença de Deus. Mostrará, em seguida, um vídeo com o chamado Cântico das Criaturas. O docente escolherá a altura em que entregará aos alunos uma folha com o “Cântico das Criaturas”, podendo só entregá-lo no final da aula. Dirá que esse cântico foi composto por um santo muito importante na história do Cristianismo, contando algumas coisas da sua biografia (que de rico se fez pobre, que esteve preso, que se converteu e que tentou “reconstruir a Igreja de Cristo”. Salientará ainda o seu papel de construtor de paz, incluindo com os muçulmanos.

Este santo teve uma grande influência na Igreja Católica, existindo muitas ordens religiosas que se inspiraram ou que foram fundadas por ele: os franciscanos (que possuem um convento em Montariol), as clarissas, os capuchinhos, entre outros. Mesmo na atualidade, o Papa Francisco escolheu este nome como homenagem a S. Francisco de Assis, querendo dizer que o tomava como modelo. O docente acrescentará que é isso que os santos são, além de intercessores são modelos para nós.

Serão lidos os textos do manual, das páginas 223 (documento 72) e 225 (documento 73). Dependendo do tempo disponível, poderá lê-los ou resumi-los. Se forem ambos lidos, o primeiro poderá ser pelo docente e o segundo por um, ou mais alunos. Deverá indicar o que significa a palavra padroeiro (intercessor ou protetor).

Se houver tempo, o docente citará o exemplo de Santa Teresinha do Menino Jesus que, uma vez, ao ver uma galinha com pintainhos, se lembrou de uma passagem bíblica em que se dizia que Deus nos queria juntar debaixo de si como a galinha aos pintainhos (Mt 23,37),

tendo ficado agradecida pela proteção de Deus na sua vida. O objetivo desta parte é, citando um exemplo feminino, mostrar como os santos viam as coisas pequeninas da vida, referindo-as a Deus.

O docente estagiário pedirá a um aluno que escreva o sumário no quadro, o sumário será construído em conjunto com os alunos.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores
Aula n.º 4/5

Ano:8º Turma: G
Data: 10/02/2015
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A natureza como local de encontro com Deus. São Francisco de Assis, padroeiro da Ecologia			(Nota: O sumário será realizado perto do final da aula). Entrega dos papéis com a identificação dos alunos e das fichas ²³⁵ que entregaram na aula passada.	Papéis com a identificação dos alunos e as fichas.	8	Pontualidade.
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.	A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece. O reconhecimento da natureza como lugar permeado pela presença de Deus. Natureza como local onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus (a imensidão do Universo, a beleza dos elementos naturais).	O docente iniciará a aula falando do Cristiano Ronaldo. Depois mencionará uma notícia do DN em que é afirmado que ele possui uma casa no Gerês e pedirá para ler uma frase da irmã dele (http://www.dn.pt/inicio/pessoas/interior.aspx?content_id=2683339&secao=ntv). O docente falará da beleza da natureza, do mar, do céu, questionando os alunos sobre o facto. O docente fará a transição para o âmbito religioso, convidando a visionar uma oração que foi feita por um santo muito conhecido (não dirá quem é), sendo mostrado o vídeo “Cântico das criaturas”. Quando considerar oportuno o docente revelará de que santo se trata. Referirá a importância deste santo para a história universal, contando algumas coisas da sua biografia, que era rico, que esteve preso, que se converteu, que “tentou reconstruir a Igreja de Cristo”, que viveu uma vida pobre e humilde e que foi um construtor da paz, incluindo com os muçulmanos (no tempo das cruzadas). Salientará ainda o testemunho dos franciscanos e do Papa Francisco como exemplo de pessoas que o tomam	Manual adoptado Notícia de jornal	5 5	Atenção.
J. Descobrir a simbólica cristã.	Reconhecer as implicações na vida quotidiana, de uma perspetiva religiosa sobre a natureza			Computador Projektor	10	Respeito pelos outros. Comportamento

²³⁵ Anexo, recurso 7.

		<p>O exemplo de S. Francisco de Assis e a irmã Natureza.</p>	<p>como modelo. Quando considerar oportuno, o docente dará um papel aos alunos com o "Cântico das Criaturas".²³⁶</p> <p>Referirá ainda São Francisco de Assis como padroeiro dos que se dedicam à ecologia, com base no manual páginas 223 (documento 72) e 225 (documento 73) ou numas folhas que entregará.</p> <p>O docente explicará o que significa o termo padroeiro em linguagem cristã. Se houver tempo contará a história de Santa Teresinha em que ao ver uma galinha com pintainhos se lembrou de Mt 23,37 em que o próprio Deus é comparado a uma galinha, sendo nós os pintainhos, aplicando isso à proteção de Deus na sua vida. Generalizará para a importância de darmos valor às pequenas coisas.</p> <p>Escrita e construção do sumário em conjunto com os alunos.</p>	<p>Papéis com o "Cântico das Criaturas" Manual adotado</p>	<p>10</p> <p>7</p>	<p>dos alunos.</p> <p>Participação ativa e organizada.</p>
--	--	--	---	--	--------------------	--

²³⁶ Anexo, recurso 8.

➤ Descrição e avaliação da quarta aula da unidade letiva

A planificação foi cumprida e os objetivos propostos foram atingidos.

O docente entregou a ficha preenchida na aula anterior. Os alunos viram alguns dos comentários lá realizados e reagiram positivamente.

Os alunos reagiram bem à primeira parte da aula, referente ao Cristiano Ronaldo e também quando se falou do prazer que é ver algumas paisagens naturais, o céu estrelado ou o mar. Houve uma participação que nem sempre foi a mais organizada, mas chamei a atenção para o facto, assim como para aqueles que se iam distraíndo.

Foi visionado um vídeo com o “Cântico das Criaturas”. Optei por manter algum *suspense* e não revelar logo o nome do santo em questão (S. Francisco de Assis), apontando alguns factos da sua biografia. Resolvi destacar que foi dele a ideia do primeiro presépio, tentando assim captar a atenção dos alunos com um facto da vida deles e fui bem-sucedido.

Entreguei posteriormente um papel com o Cântico das Criaturas do qual foi lida a parte inicial. Os alunos apreciaram o texto e agradeceram o ter-lhes sido oferecido. Foi feito um pequeno comentário pelo docente ao texto utilizado. Foi lido o primeiro texto do manual e o docente resumiu o seguinte. Não chegou a ser citada a Santa Teresinha por falta de tempo, tendo-se privilegiado a elaboração do sumário com base no que os alunos referiram da aula.

➤ Planificação da quinta aula da unidade letiva

O docente estagiário procederá à entrega dos cartões e elogiará os que foram pontuais e que trouxeram o material necessário para a aula.

O docente iniciará a aula, mostrando um vídeo sobre aspetos naturais de Portugal que, recentemente, ganhou um prémio. O objetivo desta parte da aula é sensibilizar os alunos para as belezas naturais deste país em que habitamos e para a sua conservação. Serve também para estabelecer a transição tempo de recreio/tempo de aula. O visionamento de filmes com este intuito é algo referido por outros docentes na sua prática pedagógica.²³⁷ Esta estratégia também possui como objetivo a criação de um certo olhar contemplativo pelas belezas naturais, que os alunos sejam capazes de as apreciar.²³⁸ De facto, este é um processo a realizar em conjunto com os educandos ou como dizem os Bispos portugueses: “Educar, como processo de conduzir e alimentar, não é subtrair-se ao educando: é caminhar com ele.”²³⁹

O docente, seguidamente, entregará a cada aluno um papel em branco, pedindo-lhe que façam a avaliação da forma como decorreu esta unidade letiva, destacando três aspetos:

²³⁷ Cf. João MENDES, “Relação Pedagógica”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013), 105.

²³⁸ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral Educação, direito...*, *op. cit.*, 13.

²³⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta pastoral Educação, direito...*, *op. cit.*, 14.

um positivo, um negativo e uma sugestão a melhorar. Os papéis poderão ser anônimos e o docente dirá que, no final da aula, fará ele próprio a sua avaliação.

Para o jogo os alunos serão divididos em grupos de quatro elementos (poderá haver um grupo de três ou então grupos de cinco elementos, consoante o número de alunos presentes). O tabuleiro será projetado e eles responderão às questões, avançando ou não, consoante acertem. Não é necessário que todos cheguem ao final. Tive o cuidado de escolher as questões que considero mais relevantes, de as colocar nas casas iniciais e também para serem as primeiras a ser respondidas. O objetivo deste jogo é para, de forma lúdica, refletirmos em conjunto sobre que atitudes devemos tomar e como devemos proceder para cuidarmos do nosso planeta e mudá-lo para melhor do que o encontramos.

No final da aula, o docente fará a sua despedida e entregará a cada aluno que queira um chocolate ou uma goma como prenda de despedida. Entregará também um pequeno papel com dez pensamentos ecológicos.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores
Aula n.º 5/5

Ano:8º Turma: G
Data: 24/02/2015
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário			O sumário será escrito no quadro por um aluno. Serão entregues os papéis com os nomes dos alunos.	Quadro Papéis com a identificação dos alunos.	7	Pontualidade dos alunos.
SUMÁRIO: “Ecologia, que futuro queremos? Jogo em equipa.						
Identificar o núcleo central do catolicismo e do cristianismo. Identificar os valores evangélicos. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Consolidação das aulas anteriores desta unidade letiva.	Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo. Relação entre ciência e fé.	Vídeo “ <i>The wild side of Portugal</i> ” como sensibilização.	Computador Projetor	5	Participação ativa e organizada.
	Organizar um universo de valores em que se relaciona o fundamento religioso do agir com a necessidade de se assumir uma perspetiva não utilitarista em relação à natureza.		Avaliação por parte dos alunos das aulas desta Unidade Letiva.	Papéis para os alunos preencherem.	5	Respeito pelos outros.
	Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.		Jogo sobre atitudes a tomar. ²⁴⁰ Reflexão em conjunto com os alunos sobre as questões colocadas (não é obrigatório terminar o jogo).	Computador Projetor	23	Atenção.
	Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado com a natureza.		Avaliação final por parte do docente estagiário das aulas desta unidade letiva.	Papel com 10 pensamentos ecológicos ²⁴¹ e um doce de oferta.	3 2	Correção das respostas dadas pelos alunos. Cumprimento das tarefas propostas

²⁴⁰ Anexo, recurso 9.

²⁴¹ Anexo, recurso 10.

➤ Descrição e avaliação da quinta aula da unidade letiva

O sumário foi escrito no quadro por uma aluna e os papéis com os nomes dos alunos foram entregues.

O vídeo foi apreciado pelos alunos, embora alguns rapazes não tivessem aproveitado devidamente. É uma turma complicada de gerir, pois mesmo, quando estão interessados no assunto, são desorganizados na participação, não possuem regras.

Os alunos reagiram de forma positiva ao papel de avaliação das aulas e todos os alunos o efetuaram de forma ordeira e correta.

O jogo correu bem, embora se tenham avançado poucas casas e não se chegou ao final como tinha previsto na planificação. Houve alguma dificuldade com o nível de dificuldade das questões que não permitiu que respondessem corretamente e que questionassem esse nível de dificuldade. Uma hipótese seria, numa próxima ocasião, em que o jogo seja aplicado, tentar simplificar o grau de dificuldade e ajudá-los a responder especialmente aos alunos com maiores dificuldades,²⁴² deixando-os procurar nos seus apontamentos, ou então, o que será preferível, todas as questões terem o mesmo nível de dificuldade.

No final fiz a minha avaliação da aula e dado que considerei que o seu comportamento não foi o mais adequado, só entreguei o papel com dez pensamentos ecológicos e não entreguei o doce. Serve esta ocasião para os responsabilizar pelos seus comportamentos.

6. Avaliação geral e final da planificação e leção da unidade letiva “Ecologia e Valores”

De uma forma geral, considero que os principais objetivos foram atingidos, quer os da leção propriamente dita, quer os meus pessoais de contactar pela primeira vez com a realidade de uma escola, enquanto docente de Educação Moral e Religiosa Católica. Como aspeto a melhorar destaca-se o comportamento dos alunos. A idade em que eles se situam é a da adolescência, que se caracteriza por ser uma idade em que querem afirmar a sua própria personalidade, que os leva a testarem os limites. Um aspeto a melhorar será exatamente ser mais rígido, principalmente na primeira aula. Recordo aqui o ditado popular: *não mostrar os dentes até ao Natal*. Não que seja de interpretação literal, pois comecei a lecionar após o Natal, mas porque mostra a importância de não dar muita confiança nos primeiros encontros.

²⁴² João MENDES, “Relação Pedagógica”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013), 107.

Pode-se afirmar que a planificação, no geral, foi cumprida. Os conteúdos abordados foram adequados à faixa etária e ao nível dos alunos.

Um dos aspetos que me surpreendeu foi a necessidade extrema de motivar os alunos. Eu já tinha experiência letiva no ensino de Ciências Naturais, mas não possuía de Educação Moral e Religiosa Católica. Aqui como a nota não tem peso na progressão ou retenção dos alunos e como a inscrição depende da sua vontade ou da vontade dos pais, a necessidade de os motivarmos é enorme.

Outro aspeto que alteraria, seria a inclusão de estratégias que envolvessem outros atores mesmo que não fossem católicos. De facto, em vez de se mostrar uma apresentação em *PowerPoint* de algumas associações existentes, a presença de um membro de uma associação seria mais atraente e melhor acolhida pelos alunos. Considero que a abertura do Papa Francisco, quando dirige a encíclica *Laudato Si'* a todas as pessoas, se deve imitar.

Outros aspetos que poderiam ser aprofundados seriam apontar exemplos concretos de como se pode melhorar o nosso impacto no meio ambiente, como por exemplo, a reciclagem, o desligar a luz, e outros.

A necessidade e a vantagem da sobriedade foi algo que não foi muito aprofundado por mim nas aulas. A constatação de que para sermos felizes não é necessário um consumo excessivo ou intenso, mas de que isso até nos pode levar ao vazio. Estas reflexões finais só me surgiram após a leitura da encíclica *Laudato Si'*.

Também poderão ser realizadas outras formas de avaliação, como por exemplo, a realização de debates que envolvessem todos os alunos, de forma a que possam mais facilmente desenvolver competências de oralidade e habituarem-se a algo que, na idade deles, se começa a desenvolver que é a capacidade argumentativa.

Outra opção seria o jogo da quinta aula ser realizado em cada grupo, tendo o docente unicamente acesso às respostas às questões de forma escrita, após o final da aula, ou quando fosse corrigida. Ou seja, cada grupo teria um tempo para responder a cada questão, passando-se de seguida a outra questão. Para isso seria necessário que cada grupo fosse capaz de trabalhar em conjunto para responder às questões.

Considero importante salientar que, embora não tenha referido na planificação, as seguintes metas, também foram trabalhadas: “F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas. (...) M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. (...) N- Promover o bem comum e o cuidado do outro”²⁴³.

²⁴³ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014, 71.

Um outro aspeto que se poderá modificar, noutra altura, em que esta unidade venha a ser lecionada, será a meta D relacionada com o diálogo inter-religioso; aqui poder-se-á abordar o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, instituído pelo Papa Francisco e pelo Patriarca Bartolomeu,²⁴⁴ assim como a própria encíclica do Papa Francisco *Laudato Si'*, que possui duas orações finais, uma para os cristãos e outra para os crentes de outras religiões. Com base nestes factos e, dependendo da situação concreta do meio escolar, poder-se-ão pensar em atividades que envolvam outras religiões ou outras tradições religiosas cristãs, no âmbito da defesa do meio ambiente, podendo inclusive ser articuladas com as Ciências Naturais que, no oitavo ano, também abordam os problemas ambientais.²⁴⁵

²⁴⁴ Cf. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150806_lettera-giornata-cura-creato.html (consultado em 12/08/2015).

²⁴⁵ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Metas Curriculares. Ensino Básico. Ciências Naturais. 5º, 6º, 7º e 8º anos*, 2013, 20-22 acedido em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_cn_metas_curriculares_5_6_7_8_ano_0.pdf, consultado em 01/06/2015.

CONCLUSÃO

Chegado a este ponto do relatório é ocasião de fazer um balanço, salientando alguns aspetos deste ano de intenso trabalho.

Este relatório, bem como todo o trabalho desenvolvido no ano de estágio conduziram-me a uma valorização de uma postura reflexiva e crítica. É importante que o docente não se instale nos sucessos obtidos, mas que tente sempre progredir e ser mais eficiente e melhor professor. É precisa uma busca contínua de um melhor exercício docente, tendo sempre presente que aquilo que funciona para uma turma, pode não funcionar para a seguinte.

Destaco dois aspetos que para mim são essenciais: o início da aula ser marcado por uma atividade forte que atraia a atenção dos alunos e faça a passagem para o tempo de aula; assim como um forte investimento nas aulas iniciais no cumprimento das regras e normas da sala de aulas.

Tive a hipótese de lecionar a uma turma do oitavo ano a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, o que me permitiu comprovar as especificidades da lecionação desta disciplina. Alguns aspetos que saliento, porque melhor recebidos pelos alunos são a inclusão de pequenos vídeos e também o diálogo com estes. O aspeto lúdico e simultaneamente instrutivo de um pequeno filme ajuda a atrair a atenção dos alunos, ajudando-os a focarem-se na tarefa. O diálogo permite que eles se expressem e que sintam que a sua participação é valorizada, salientando aqui o papel do reforço positivo.

Reconheço que tive dificuldades em mudar inicialmente da perspetiva de professor de Ciências Naturais para docente de Educação Moral e Religiosa Católica, especialmente no que diz respeito às estratégias e metodologias a adotar na sala de aula. Esta lacuna foi sendo preenchida com o decorrer das aulas e com a ajuda de todo o grupo de estágio e da professora cooperante.

Existiu um grande investimento na pesquisa e aprofundamento da bibliografia, mas também aqui tive que fazer uma transição de um conceito de ecologia mais voltado para a natureza e o meio ambiente natural, para outro no qual o ser humano desempenha um papel crucial. A denominada ecologia humana foi uma novidade para mim, mas reconheço a sua validade e importância, mesmo em termos naturais, dado o impacto que o ser humano possui em todos os ecossistemas terrestres.

No que se refere à temática ecológica destaca-se que, para haver mudanças, a nossa mentalidade tem de mudar. É necessário que nas escolhas que fazemos no dia-a-dia, tenhamos em conta os problemas ecológicos, que adotemos uma nova visão mais contemplativa, não tão possessiva. Temos de ser capazes de dizer não à cultura do descarte, do consumismo que nos

influencia e sermos capazes de apreciar a obra criadora de Deus, louvando-O por ela. Não quero esquecer nesta síntese conclusiva a importância dos pobres, especialmente dos mais desfavorecidos e a atenção particular que se deve ter face a eles, também quando se aborda a temática ecológica.

O caminho só está começado, muito mais haverá para investigar, pesquisar, aprofundar e também será necessário mais tempo para as ideias e as intuições amadurecerem, de modo a que possam vir a frutificar. Será interessante aprofundar-se a chamada ecologia humana, ou se preferirmos uma ecologia integral que tenha em conta a especificidade biológica do ser humano e a sua espiritualidade, além das relações sociais e do trabalho humano.

Em termos da relação ecologia-Cristianismo será de verificar se a encíclica *Laudato Si'* conduzirá a um maior envolvimento dos cristãos na defesa desta *casa* que é nossa. Este meu trabalho insere-se nessa linha de sensibilização para esta questão, trabalho inacabado mas que espero contribua para salientar a importância deste tema.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Yves-Marie, *De la vraie nature de l'ermite*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion et Ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993, 151-166
- A DIOGNÈTE, *Sources chrétiennes*, 33 bis, Les Éditions du Cerf, Paris, 1997.
- AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, X,6,9 in *PL* 32, 782 .
- ALTE DA VEIGA, Manuel, *Filosofia da Educação e Aporias da Religião. A problemática do ensino religioso*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1988.
- BEAUCHAMP, Paul, *Testament biblique. Recueil d'articles parus dans Études*, Bayard Editions, Paris, 2001.
- *Création et séparation. Étude exégétique du chapitre premier de la Genèse*, Les Éditions du Cerf, Paris, 2010.
- *Pages exégétiques*, *Lectio divina* 202, Les Éditions du Cerf, Paris, 2005.
- BECKFORD, James, *Conclusion: Écologie et religion dans les sociétés industrielles avancées*, in Danièle HERVIEU-LÉGER (dir.), *Religion et Ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993.
- BENTO XVI, *Mensagem para XL dia mundial da Paz*, 08-12-2006 in *L'Osservatore Romano* 37 50(1930) 16/12/2006 6-7 (628-629).
- BERNARD DE CLAIRVAUX, *Lettres. Tome 3. Lettres 92-163*. *Sources Chrétiennes*, 556, Les Éditions du Cerf, Paris, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2009⁵.
- BRENA, Gian Luigi, *Ecologia e Teologia. Pressuposti per una convergenza*, 49-68, in TERRIN, Aldo Natale (dir.), *Ecologia e liturgia*, Edizioni Messaggero Padova, Abbazia di Santa Giustina, Padova, 2003.
- CHALIER, Catherine, *L'alliance avec la nature selon la tradition hébraïque*, in HERVIEU-LÉGER, Danièle (dir.), *Religion et Ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993.
- COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.
- *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração “*Gravissimum Educationis*”, 28 de outubro de 1965, in *AAS* 58 (1966), 728-739.
- Decreto “*Christus Dominus*”, 28 de outubro de 1965, in *AAS* 58 (1966), 673-696.
- Decreto “*Optatam Totius*”, 28 de outubro de 1965, in *AAS* 58 (1966), 713-727.

- Constituição pastoral “*Gaudium et Spes*”, 7 de dezembro de 1965, in AAS 58 (1966) 1025-1115.
- Declaração “*Dignitatis Humanae*”, 7 de dezembro de 1965, in AAS 58 (1966), 929-946.

CONCORDATA ENTRE A REPÚBLICA PORTUGUESA E A SANTA SÉ, Resolução da Assembleia da República nº 74/2004, de 16 de novembro, in *Diário da República*, I Série-A, nº 269, 2004, 6741-6750.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Bases para a pastoral juvenil*, 14 de Novembro de 2002, Fátima.

- Carta pastoral *a escola em Portugal, educação integral da pessoa humana*, 13 de Novembro de 2008, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos Pastorais. 2006-2010*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Coimbra, 2011.
- Carta pastoral *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 27 de Abril de 2006, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Documentos Pastorais. 2006-2010*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Coimbra, 2011.
- Carta Pastoral *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral da Catequese*, 15 de Agosto de 1997, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Cascais, 2005.

COSTA, J.Almeida, MELO, A. Melo, *Preconceito*, in *Dicionário da Língua Portuguesa*, Dicionários Editora, Porto, 1979⁵, 1939.

DAVIE, Grace, *Contrastes dans l’heritage religieux de l’Europe*, in DAVIE, Grace, HERVIEU - LÉGER, Danièle, *Identités Religieuses en Europe*, Editions la Découverte, Paris, 1996.

DAVIE, Grace, HERVIEU-LÉGER, Danièle, *Le déferlement spirituel des nouveaux mouvements religieux. La religion des Européens: modernité, religion, sécularization*, in DAVIE, Grace, HERVIEU-LÉGER, *Identités Religieuses en Europe*, Editions la Découverte, Paris, 1996.

DEFFENBAUGH, Daniel; DUNGAN, David, *Biblia y ecologia*, in William FARMER (Dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000².

DUQUE, Eduardo, *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da*

- religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*, Edições Húmus, V.N. Famalicão, 2014.
- *Os jovens e a religião na sociedade atual. Comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*, Instituto Português da Juventude, Braga, 2007.
- DUQUE, João Manuel, “Sobre a educação integral do ser humano” in *Pastoral Catequética* 26 (2013) 11-21.
- FARMER, Kathleen, *Salmos 42-89*, in William FARMER (Dir.), *Comentário Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000².
- FERNÁNDEZ, Aurelio, *Teología Moral III. Moral social, económica y política*, Facultad de Teología del Norte de España, Burgos, 2001³.
- FOSSION, André, “Que formação cristã para o corpo docente? Que competências ter em vista?” in *Pastoral catequética* 27 (2013) 81-97.
- FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato Si'*, 24 de maio de 2015, in FRANCISCO, *Louvado sejas. Carta encíclica Laudato Si'*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2015.
- *Audiência geral*, 09-06-2013 in *L'Osservatore Romano* 44 23 (2267) 09-06-2013 16.
- FRANCISCO DE ASSIS, *Fontes Franciscanas I, S. Francisco de Assis*, Editorial Franciscana, Braga, 1994².
- *Canticum fratris solis vel laudes creaturarum*, Sources Chrétiennes, 556, Les Éditions du Cerf, Paris, 2012.
- FREITAS, Helena, “Sobre o (des)equilíbrio ecológico da Terra” in *Bíblica, Série científica*, 12 (2003), 183-188.
- GAFO, Javier, *10 Palavras chave em Bioética*, Editorial Verbo Divino, Estella (Navarra), 1997⁸.
- GESCHÉ, Adolphe, *Dios para pensar II, Dios - El Cosmos*, Col. Verdad e Imagen 136, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997, 151-317.
- GISEL, Pierre, *Nature et création selon la perspective chrétienne*, in HERVIEU-LÉGER, Danièle (dir.), *Religion et ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle, *La religion des Européens: modernité, religion, sécularisation*, in DAVIE, Grace, HERVIEU-LÉGER, Danièle, *Identités Religieuses en Europe*, Editions la Découverte, Paris, 1996.
- INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1999³ (tradução do autógrafo espanhol de 1541).
- JOÃO DA CRUZ, *Obras Completas*, Edições Carmelo, Fátima, 1986⁵ (tradução do original de 1584).

- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, 16 de Outubro de 1979, in AAS 71 (1979).
- Bula *Inter Sanctos*, 29 de Novembro de 1979 in AAS 71 (1979), 1509-1510.
 - *Mensagem para o dia Mundial da Paz*, 12 de agosto de 1989 in AAS 82 (1990), 150.
 - *Conhecer o património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, in *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, 16, 21 de abril de 1991, 9.
 - Carta Encíclica *Evangelium vitae*, 25 de março de 1995 in AAS 87 (1995), 401-522.
 - Carta Encíclica *Fides et Ratio*, 14 de Setembro de 1998 in AAS 91 (1999), 5-88.
- JÜNGLING, Hans-Winfried, *Salmos 1-41*, in William FARMER (Dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000².
- LADARIA, L.F., *A criação do Céu e da Terra*, 35-85 in SESBOÜÉ, Bernard (Dir.), *Homem e sua salvação. Séculos V-XVII*, Edições Loyola, São Paulo, 2010².
- LÉVINAS, Emmanuel, *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, Edições 70, Lisboa, 1988.
- LOSSKY, Nicolas, *L'Homme. Roi de la création. Perspective orthodoxe* in HERVIEU-LÉGER, Danièle, (dir.), *Religion et ecologie*, Les Éditions du Cerf, Paris, 1993.
- MATIAS, Osório, MARTINS, Pedro, *Biologia. 12º Ano*, Areal Editores, Perafita, 2006.
- MENDES, João, “Relação pedagógica” in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 105-107.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Metas Curriculares. Ensino Básico. Ciências Naturais. 5º, 6º, 7º e 8º anos*, 2013 acedido em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_cn_metas_curriculares_5_6_7_8_ano_0.pdf, consultado em 01/06/2015.
- MOITA, Fernando, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual” in *Pastoral catequética* 26 (2013) 53-73.
- NAESS, Arne, “The Shallow and the Deep Ecology, Long-Range Ecology Movements: A summary” in *Inquiry*, 16, 1 (1973) 95-100.
- OLIVEIRA, Luis de, “Um olhar o mundo com o Cântico das Criaturas” in *Bíblica Série Científica*, XI (2002) 143-150.
- PEREIRA, José (dir.), *Livres para amar. Manual do Professor. 8º ano. Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2011.
- PERRONE, Giovanni “O docente católico na escola pública, testemunha das bem-aventuranças”

- in *Pastoral Catequética* 30 (2014) 55-69.
- PIRES, Hélder “Inovação e relação pedagógica” in *Pastoral Catequética*, 26 (2013).
- RAVASI, Gianfranco, *Salmos 90-150*, in FARMER, William (Dir.), *Comentario Bíblico Internacional. Comentário católico y ecuménico para el siglo XXI*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2000².
- SANTOS, António Francisco dos, “As metas curriculares de EMRC no contexto da Educação Cristã” in *Pastoral Catequética*, 28/29 (2014) 169-175.
- SCHOKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecília, *Salmos I*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2008³.
– *Salmos II*, Editorial Verbo Divino, Estella, 2009⁴.
- SESBOÛE, Bernard, *Da na minha à glória*, in SESBOÛE, Bernard (dir.), *O Homem e sua salvação. Séculos V-XVII*, Edições Loyola, São Paulo, 2010².
- SILVA, Manuela, *Cidadania activa. Desenvolvimento justo e sustentável*, Comissão Nacional Justiça e Paz, Editora Cidade Nova, Braga, 2005.
- SMITH, Robert Leo; SMITH, Thomas M., *Elements of ecology*, Benjamin/Cummings Science Publishing, San Francisco, 2000⁴.
- TAYLOR, Charles, *Uma era secular*, Editora Unisinos, São Leopoldo, 2010.
- TERRIN, Aldo Natale, *Introduzione* in TERRIN, Aldo Natale (dir.), *Ecologia e liturgia*, Edizioni Messaggero Padova, Abbazia di Santa Giustina, Padova, 2003.
- VARANDA, Isabel, “Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador” in *Theologica*, 2, 38 (2003) 287-306.
– “A Ecologia como chave hermenêutica da Criação e da Evolução” in *Theologica*, 2, 45 (2010) 453-464.
- VARO, Francisco, *Las claves de la Biblia*, Ediciones Palabra, Madrid, 2007.
- VAZ, Armindo dos Santos, “Ecologia e criação, à luz de Génesis 1” in *Bíblica. Série Científica*, 11 (2002) 119-142.
- VERHACK, Etienne, “A missão dos educadores cristãos: «Caminhar como árvores»” in *Pastoral catequética* 27 (2013) 99-111.
– “As perspetivas da educação cristã na Europa” in *Pastoral catequética* 27 (2013) 55-80.
- WÉNIN, André, *L’umanità e il creato: dominio e mitezza*, in Aldo Natale TERRIN (dir.), *Ecologia e liturgia*, Edizioni Messaggero Padova, Abbazia di Santa Giustina, Padova, 2003, 23-47.
- WHITE, Lynn, “The Historical Roots of Our Ecologic Crisis”, in *Science* 155 (1967) 1203-1207.

WILLAIME, Jean Paul, *Conclusion. Les religions et l'unification européenne*, in DAVIE, Grace,
HERVIEU LÉGER, Danièle (dir.), *Identités Religieuses en Europe*, Editions la
Découverte, Paris, 1996.

NETGRAFIA

w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150806_lettera-giornata-cura-creato.html (consultado em 12/08/2015).

w2.vatican.va/content/francesco/es/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141127_messaggio-lima-cop20.html (consultado em 05/2/2014).

www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1#metas (consultado em 13/04/2015).

www.eb23andresoares.com (consultado em 19/01/2015).

www.educris.com/v2/ (consultado em 01/01/2015).

www.publico.pt/ciencia/noticia/ha-mais-de-268000-toneladas-de-plastico-a-boiar-nos-oceanos-1679165 (consultado em 12/12/2014).

www.publico.pt/sociedade/noticia/moral-e-religiao-catolica-e-uma-disciplina-imune-as-mudancas-curriculares-a-sua-presenca-e-sempre-obrigatoria-1691373 (consultado em 24/05/2015).

www.quercus.pt/home/quemosmos/apresentacao (consultado em 12/12/2014).

www.tamera.org (consultado em 8/4/2014).

www.un.org/en/events/ozoneday/ (consultado em 12/12/2014).

www.un.org/millenniumgoals/environ.shtml (consultado em 12/12/2014) .

ANEXO/RECURSOS

Em anexo só foram incluídos os recursos considerados os mais relevantes. No entanto, estão disponíveis integralmente no dossiê da Prática de Ensino Supervisionada.



Beneficia do ser humano quando ele cria jardins



Mas não quando tem gatos ou cães



**Educação Moral e Religiosa Católica****Ficha de trabalho nº 1 sobre a unidade letiva “Ecologia e Valores”**

Data: ___/___/___

Nome: _____ nº _____ turma _____

1. Lê atentamente o seguinte texto e responde às seguintes questões:

¹No princípio, quando Deus criou os céus e a terra (...) ³Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita. ⁴Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. (...) ⁹Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus, num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.» E assim aconteceu. ¹⁰Deus chamou terra à parte sólida, e mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom. ¹¹Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que deem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente.» E assim aconteceu. ¹²A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respetiva semente. Deus viu que isto era bom. ¹³Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia. (...) ²⁶Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.» ²⁷Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. ²⁸Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei, multiplicai--vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.» (...) ³¹Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.

(Gn 1,1.3.6-13.26-28.31)

- 1.1 No texto bíblico como é que Deus classifica a sua obra antes de criar o ser humano?

- 1.2 Refere como é que Deus classifica a sua obra depois da criação do ser humano.

- 1.3 O ser humano deve ser imagem e semelhança de quem?

- 1.4 Qual é a principal função que o ser humano deve realizar e como a deve realizar?

**Educação Moral e Religiosa Católica****Ficha de trabalho nº 1 sobre a unidade letiva “Ecologia e Valores”**

Data: ___/___/___

Nome: _____ nº _____ turma _____

1. Lê atentamente o seguinte texto e responde às seguintes questões:

¹No princípio, quando Deus criou os céus e a terra (...) ³Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita. ⁴Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. (...) ⁹Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus, num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.» E assim aconteceu. ¹⁰Deus chamou terra à parte sólida, e mar, ao conjunto das águas. **Deus viu que isto era bom.** ¹¹Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que deem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente.» E assim aconteceu. ¹²A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respetiva semente. **Deus viu que isto era bom.** ¹³Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia. (...) ²⁶Depois, **Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.»** ²⁷**Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus;** Ele os criou homem e mulher. ²⁸Abençoando-os, Deus disse-lhes: «**Crescei, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.**» (...) ³¹**Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.**

(Gn 1,1.3.6-13.26-28.31)

- 1.1 No texto bíblico como é que Deus classifica a sua obra antes de criar o ser humano?

Deus classifica a sua obra como boa.

- 1.2 Refere como é que Deus classifica a sua obra depois da criação do ser humano.

Deus classifica-a como muito boa.

- 1.3 O ser humano deve ser imagem e semelhança de quem?

O ser humano deve ser imagem e semelhança de Deus.

- 1.4 Qual é a principal função que o ser humano deve realizar e como a deve realizar?

O ser humano deve crescer e multiplicar-se, encher e submeter a terra, dominando sobre os outros animais. Não se deve esquecer que deve imitar a Deus pois foi criado à sua imagem e semelhança.

Anexo, recurso 4



Anexo, recurso 4





Educação Moral e Religiosa Católica

Ficha de trabalho 2 sobre a unidade letiva “Ecologia e Valores”

Data: ___/___/___

Nome: _____ nº _____ turma _____

2. Proponho que analises esta notícia publicada no Jornal de Notícias:

A proibição da pesca da sardinha é feita para proteger o setor e quem fechar os olhos à realidade “extingue os recursos”.

“A paragem da pesca é feita para proteger o ‘stock’. Todos os países que fazem gestão de ‘stock’ conseguem mantê-los num nível equilibrado (...) Todos os países que fecham os olhos a esta realidade e deixam explorar até ao fim, acabam por ficar sem nada”.

Publicado em 2014-10-28 às 18:35. Adaptado de http://www.jn.pt/PaginalInicial/Economia/Interior.aspx?content_id=4206621

1.1. Porque é que os pescadores estão proibidos de pescarem sardinhas?

1.2. Achas que os políticos fizeram bem em proibir a pesca da sardinha? **Justifica.**

1.3. Com base no texto, o que pode ter conduzido a que haja poucas sardinhas no mar?

1.4. Assinala com um **X** os motivos que podem levar ao esgotamento dos recursos naturais.

- Egoísmo
- Desejo do maior lucro possível
- Procurar o bem-estar global
- Pensar nas gerações futuras
- Pensar no imediato sem prevenir as consequências negativas a longo prazo
- Querer manter o seu emprego/empresa para se alimentar e alimentar a família
- Procurar o bem-estar no imediato
- Desperdício



1.1. Porque é que os pescadores estão proibidos de pescarem sardinhas?

Os pescadores estão proibidos de pescarem sardinhas para se tentar evitar que as sardinhas se extingam.



1.2. Achas que os políticos fizeram bem em proibir a pesca da sardinha? **Justifica.**

Sim, caso contrário deixariam de existir sardinhas para se pescarem.



1.3. Com base no texto, o que pode ter conduzido a que haja poucas sardinhas no mar?

A pesca excessiva que não deixou que elas se reproduzissem de forma a substituir as que eram pescadas.



1.4. Assinala com um **X** os motivos que podem levar ao esgotamento dos recursos naturais.

Egoísmo

Desejo do maior lucro possível

Procurar o bem-estar global

Pensar nas gerações futuras

Pensar no imediato sem prevenir as consequências

negativas a longo prazo

Querer manter o seu emprego/empresa para se alimentar e alimentar a família

Procurar o bem-estar no imediato

Desperdício



GOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAAGRUPAMENTO DE ESCOLAS
ANDRÉ SOARES (150952)

Educação Moral e Religiosa Católica

Ficha de trabalho 3 sobre a unidade letiva “Ecologia e Valores”

Data: ___/___/___

Nome: _____ nº _____ turma _____

1. Lê atentamente a seguinte carta escrita por uma menina de 12 anos ao seu presidente de câmara.

Caro presidente Watts:

A minha mãe e eu demos recentemente um passeio pela floresta e encontramos muitas árvores marcadas com tinta amarela ou laranja.

A minha mãe e eu assumimos que era porque se planeava deitar abaixo a floresta e depois de alguma pesquisa eu descobri que assim era.

Nós estamos muito desapontadas porque esta floresta está na área em que eu cresci e onde atualmente cresço, e eu não quero pensar nela como um espaço para novas casas ou até um parque ser construído.

Algumas destas árvores têm cerca de 100 anos e não está certo cortá-las. Uma grande parte de Surrey já não tem florestas, e acho que devemos realmente proteger as áreas em que ainda restam algumas.

Também não seríamos somente a minha família e eu a sermos afetados pelo derrube da floresta. Muitos animais e plantas de todos os tipos vivem aqui, incluindo águias, outras aves, esquilos, veados, e muitos mais. E esses animais vão ser condenados à morte mal cheguem as máquinas.

Há muita gente que diz que está a fazer isto pelo futuro de Surrey. Bem, eu e um grupo de amigos e família somos o futuro de Surrey, e se planos como este vêm a luz do dia, não haverá futuro para Surrey. Eu desejo realmente que você e o resto das pessoas que são parte deste plano pensem realmente no que a frase “o futuro mora aqui” realmente quer dizer.

(...)

A minha família, amigos, muitos outros e eu também somos uma parte de Surrey, e esperamos que você pense nas crianças e como elas serão afetadas pelo corte das árvores que pertencem à floresta da quinta Bose.

Obrigado pelo seu tempo.

Olivia Peters

Tradução pessoal da carta aberta de Olivia Peters que foi publicada num diário local da cidade de Surrey no Canadá, disponível em <http://www.thenownewspaper.com/news/girl-to-mayor-save-surrey-s-trees-.1.508735#>

- 1.1. Consideras importante que alguém tão jovem escreva uma carta aberta a um político pedindo para que altere a sua decisão? **Justifica.**

1.2. Achas que os católicos, enquanto cidadãos e habitantes de um país/cidade, também se devem preocupar com estes problemas? **Justifica.**

1.3. O que é que podes fazer tu próprio para tentar criar um mundo melhor?

Posso te dizer que esta carta teve grande impacto e o projeto imobiliário foi reduzido salvando-se assim muitas árvores, tudo isto graças à iniciativa de uma menina de 12 anos.



Cântico das Criaturas

“Altíssimo, onipotente, bom Senhor, a ti o louvor, a glória e toda a bênção.

A ti só, Altíssimo, se hão-de prestar e nenhum homem é digno de te nomear.

Louvido sejas meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor irmão sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia.

E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas: no céu as acendeste, claras, e preciosas, e belas.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar, e nuvens, e sereno, e todo o tempo, por quem dás às tuas criaturas o sustento.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil, e humilde, e preciosa e casta.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite, e ele é belo, e jucundo, e robusto e forte.

Louvido sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras.

Louvido sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações.

Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvido sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar.

Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados aqueles que cumpriram a tua santíssima vontade, porque a segunda morte não lhes fará mal.









Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.”



São Francisco de Assis

Francisco

Ecología, que futuro queremos?

 <p>1</p>	 <p>2</p>	 <p>3</p>	 <p>4</p>	 <p>5</p>	 <p>6</p>
					 <p>7</p>
					 <p>8</p>

Regras do jogo:

Formam-se grupos, no máximo de 4 alunos. Explicam-se as regras do jogo e projecta-se o tabuleiro. Todos começam da casa da Partida.

Os alunos devem responder a uma pergunta de cada cartão e por ordem: o primeiro aluno do primeiro grupo responde à pergunta **a)**, depois de consultar o grupo; o segundo à **b)** e assim sucessivamente.

Caso acerte a resposta, avança uma casa. Se não acertar, fica na casa em que está.

O jogo é para refletir sobre o futuro que queremos construir. Estas perguntas podem ser substituídas por outras, de acordo com as respostas que os alunos foram dando ao longo do jogo.

Casa 1

- a) O que é a ecologia?
- b) A criação tem valor aos olhos de Deus mesmo sem o ser humano?
- c) O ser humano pode fazer tudo o que quiser no que respeita à relação com a criação?
- d) Dá um exemplo de um ato teu que influencie a natureza.
- e) Gostavas de viver num país em que para andar na rua tivesses de andar de máscara?
- f) Achas que as espécies em risco de se extinguirem se devem ou não proteger?
- g) A temperatura média deve subir. O que podes fazer para o tentar evitar?
- h) Gostas de viver num local sujo? O que fazes para que esteja limpo?
- i) Como podes poupar água?
- j) Como se chama o 1º livro da Bíblia?

Casa 2

- a) Qual é o padroeiro da ecologia?
- b) São Francisco criou um cântico chamado ...
- c) Como se chama o atual Papa?
- d) O convento de Montariol em Braga pertence a que ordem religiosa?
- e) O que São Francisco chama ao Sol?
- f) Quem foi o “inventor” do presépio?
- g) Indica uma ordem religiosa fundada ou inspirada em São Francisco?
- h) O santo português mais famoso pertenceu à ordem religiosa fundada por São Francisco. Como se chama?
- i) São Francisco participou nalguma cruzada? Usou armas?
- j) Como se chama a ordem religiosa fundada por Santa Clara de Assis?

Casa 3

- a) Já alguma vez contemplaste o céu estrelado ou o mar?
- b) Gostas da tua escola? Que propostas tens para melhorá-la?
- c) Já alguma vez agradeceste a Deus pela natureza?
- d) Costumas ir para o campo ou preferes outras atividades: leitura, computador ou atividades artísticas?
- e) Na tua opinião é importante passearmos com a família? Costumas fazê-lo? Quais os locais que preferes para essa atividade?
- f) Comenta: “Tempo livre deve ser só para brincar ou podemos juntar o útil ao agradável: brincamos, mas também aprendemos ou ajudamos?”.
- g) Concordas com a recuperação de habitats, zonas protegidas e conservação da biodiversidade? Porquê?
- h) Tens animais domésticos? O que lhes fazes quando vais de férias?
- i) Os escuteiros têm por hábito o campismo? Porque será que eles acham esse valor importante?
- j) Gostas dos parques da tua cidade? Porquê?

Casa 4

- a) O que significa a política dos 3R? (reduzir; reutilizar e reciclar)
- b) Quais as vantagens da política dos 3R para a nossa vida?
- c) Dá exemplos da tua vida em que tenhas utilizado a política dos 3R.
- d) Costumas separar o teu lixo?
- e) Quantas vezes levas o lixo para o Ecoponto: nunca? Uma vez por semana? Uma vez por mês? Sempre que tens oportunidade?
- f) O recipiente amarelo serve para colocares que tipo de lixo?
- g) O recipiente azul serve para colocares que tipo de lixo?
- h) O recipiente verde serve para colocares que tipo de lixo?
- i) As embalagens de cartão podem levar restos lá dentro?
- j) Podemos deitar no recipiente dos metais os aparelhos eletrodomésticos (varinha mágica, por exemplo)?

Casa 5

- a) Gostas de ler jornais desportivos e revistas? O que lhes fazes depois: reutilizas para forrar o caixote? Deitas para o saco do lixo? Levas para o Papelão?
- b) Diz o que pensas sobre o **esgotamento de recursos naturais**? O que fazer?
- c) De onde vem o papel?
- d) Na nossa sociedade consome-se muito papel. Que medidas propões para a sua diminuição?
- e) Há sacos das compras que agora são pagos. O que achas disso?
- f) Costumas imprimir os teus trabalhos só dum lado ou dos dois lados das folhas?
- g) O leite faz bem à saúde. O que fazes às suas embalagens quando estão vazias?
- h) Já experimentaste ler um livro a partir da internet, utilizando um computador? Chama-se Livro Eletrónico. O que achas disso?
- i) O que preferes consultar: uma enciclopédia em cinco volumes ou a mesma enciclopédia em 2 CD-Rom?
- j) Os lenços de papel depois de usados também devem ir para o Papelão?

Casa 6

- a) Se comprares uma garrafa de água, o que preferes: em vidro ou em plástico? O que lhes fazes depois?
- b) Que iogurtes costumavas comprar: em copos de vidro ou em copos de plástico. O que lhes fazes depois?
- c) Costumas comer conservas? O que fazes às latas vazias?
- d) Os detergentes líquidos vêm em embalagens de plástico. O que lhes fazes quando estão vazios?
- e) Quais as vantagens de usar recargas de detergentes na vez de comprar novas embalagens?
- f) Nas festas, há o hábito de beber espumante? O que se deve fazer depois à garrafa?
- g) O azeite normalmente vem em garrafas de vidro. O que lhes fazes depois de vazias?
- h) O óleo normalmente vem em garrafas de plástico. O que lhes fazes depois de vazias?
- i) O que fazes aos sacos de plásticos das compras?
- j) Muitos jovens gostam de beber bebidas em lata. O que fazer às latas vazias?

Casa 7

- a) A que horas acendes a luz lá em casa? A tua conta de electricidade é muito elevada? O que achas que isso significa?
- b) Indica uma forma de produzir energia elétrica.
- c) Se tens aquecedores em casa estão colocados perto de janelas ou de paredes exteriores?
- d) Costumas deixar-te adormecer com a luz acesa? O que achas disso?
- e) Deixas a TV ligada mesmo quando não estás lá para a ver?
- f) Tens alguns cuidados lá em casa com a colocação dos aparelhos eléctricos ou electrónicos?
- g) O que são energias alternativas?
- h) O que é a energia eólica e quais as suas vantagens?
- i) As lâmpadas usadas podem ir para o Vidrão?
- j) Os copos ou as chávenas de vidro podem ir para o Vidrão?

Casa 8

- a) Como achas que irá ser o mundo daqui a cinco anos com base nas respostas que destes?
- b) Achas que ainda podemos fazer alguma coisa para alterar o nosso futuro?
- c) Comenta: “Grão a grão, enche a galinha o papo”. Achas que a teu comportamento pode marcar a diferença?
- d) O que preferes encontrar daqui a cinco anos: um planeta desertificado, com poucas espécies vivas, com falta de alimento e de recursos naturais, com pessoas doentes física ou mentalmente; ou um planeta ajardinado, com a conservação das espécies, com lugar para toda a gente e onde todos são felizes? O que fazes para isso?
- e) No futuro: energias alternativas ou continuarmos como estamos? Porquê?
- f) No futuro: um por todos e todos por um, ou cada um por si? Porquê?
- g) No futuro: paz ou guerra? Porquê?
- h) No futuro: mais poluição ou conseguiremos viver com qualidade? Porquê?
- i) Que futuro para as famílias: cada vez se respeitará mais esta instituição ou irá aumentar o número de famílias divididas? Porquê?
- j) Que futuro para a Educação? “A Escola não tem mais interesse e não deve ser obrigatória.” “Para haver evolução humana é preciso que as pessoas aumentem o seu saber.”



10 Pensamentos ecológicos

1. *Que ouço da Natureza ao acordar? Bom dia, alegria, passarinhos a cantar.*
2. *Mais um dia para trabalhar e me preparar para bem servir e amar.*
3. *Que vejo pelo caminho? Quem me lembra de importante?*
4. *Sou uma pessoa única amada por Deus. Flores para me bem dispor, amigos cheios de vida.*
5. *Professores tão interessados para eu aprender e ser útil.*
6. *Sou mais importante que a Criação pois o Pai do Céu me ama com um amor sem medida e me mostra minuto a minuto o seu cuidado comigo, com os outros e com a Criação.*
7. *Se não me encontro bem, me consola e conforta, através de alguém ou até da criatura mais pequenina.*
8. *Não estou só, está a família, os amigos, os animais, as plantas, DEUS!*
9. *Como a vida é bela, é bela, é bela e eu gosto tanto dela.*
10. *Amo a vida, amo a cor, amo a Deus seu Criador!*

